

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES



ANTONIO VILAR E MARIA PALACIOS, AS DUAS GRANDES FIGURAS DO NOVO FILME DE LEITÃO DE BARROS, «INES DE CASTRO», A ESTREAR BREVEMENTE.

ANO IV-N.º 203 5 DE ABRIL DE 1945
PREÇO AVULSO 1380



UM LINDO SONHO DE MULHER...



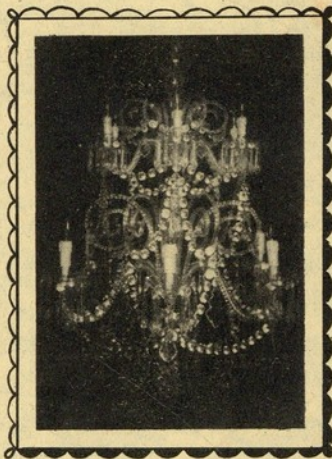
...POSSUIR UMA COSINHA MODERNA COMPLETA

DA

FABRICA PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 37-49 - TELE. 2 4948

★ LUSTRES ★



APLIQUES ★ CASTIÇAIS ★ ABAT-JOURS ★ CANDELÁBROS ★ CANDIEIROS DE MESA ★ RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (Á R. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497

Em todas as **IDADES...**

...é necessário fortalecer os ossos e os músculos para evitar o esgotamento e a doença.



A rapariga ao fazer-se mulher passa por um período de malacolia, anemia e fadiga, que devem ser combatidos sem demora



Remineralizando a futura mãe, nascerá um filho são e resistente a todas as enfermidades



Os jovens que na época de estudos fortificam o seu cérebro, fazem-se homens com um porvir sorridente



Cuidar a dentição e o desenvolvimento dos ossos constitui a principal medida profilática que os pais devem ter com os filhos

A diminuição da alegria, a falta de apetite, a insónia, o cansaço, a falta de memória, os nervos excitados, são sinais de alarme com os quais o organismo anuncia uma perda de resistência.



A família inteira terá optimismo e alegria vendo que todos os seus componentes gozam de boa saúde



Na idade escolar, quando o cérebro das crianças começa a trabalhar, deve impedir-se a fadiga que ocasionam os primeiros livros

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.



Nunca será um velho se as suas faculdades mentais e os seus nervos conservarem o vigor da juventude

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero

À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



CASA *José Costa*

FRIGORÍFICOS
R Á D I O
L U Z
S O M

AGENTE OFICIAL DE
TODAS AS MARCAS DE
R Á D I O

RUA DE S. PAULO, 11-13 / LISBOA / TEL. 2 4888



2 CONFERÊNCIAS DE RIBEIRO COUTO

O

Jardim-Escola João de Deus, por iniciativa do seu director, o Dr. João de Deus Ramos, que tem a seu lado nomes da mais alta expressão do nosso tempo, continua a cumprir o seu programa de conferências. E, assim, chamou Ribeiro Couto, o mais culto e insinuante embaixador que a literatura brasileira nos enviou nos últimos tempos, para falar de um moderno poeta do Brasil — que foi Olavo Bilac. A essa conferência, superior pelo que disse o conferencista e pelo mundo que o escutou — e lá estiveram a embaixatriz de Espanha, Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, João de Barros, Afonso Lopes Vieira e muitos outros de igual expressão intelectual — revestiu-se daquele alto nível que caracterizou as suas palavras, quando, há dias, foi ao Teatro Nacional, para falar a um vasto, elegante e culto auditório, da moderna poesia brasileira. A sua grande cultura — e só assim pôde dar expressão, em resumo, a um vasto panorama literário — Ribeiro Couto, que não lê mas fala de improviso, alla um poder de insinuação e uma agradável simplicidade, de modo que as suas conferências parecem uma «causerie» sobre coisas notáveis, contadas a propósito.

Amélia Rey-Colaço e Robles Monteiro, promovendo esta série de conferências, animaram de um interesse todo particular o nosso meio intelectual — pela categoria dos escritores que foram convidados a colaborar e pelas reuniões que, em boa-hora, animaram. Marlana Rey-Colaço, filha dos dois ilustres donos da casa, disse, com a sua graça peregrina e a sua voz de ouro, algumas poesias brasileiras que, pela boca de quem as disse, souberam tão bem acaules que a ouviram.

A foto que damos refere-se à conferência do Dr. Ribeiro Couto, no Museu João de Deus.



O Ginásio Clube Português festejou os seus 70 anos de existência. E, para que as festas tivessem maior brilho, foi convidado o sr. General Carnum, para presidir à sessão que teve também a presença dos srs. subsecretários da Educação e da Assistência Social. Na foto, vemos os ilustres homens públicos antes de começar a sessão solene de sábado e durante a qual foi agraciada com a comenda da Ordem de Benemerência.



A Academia das Ciências homenageou a memória do sábio Professor Aquiles Machado, com uma sessão em que usaram da palavra os Professores Herculano de Carvalho e Pereira Forjaz e o sr. Dr. Júlio Dantas que, antes da sessão, fez entrega do «Prémio Alvarenga» ao sr. Prof. Dr. Queiroz Luís de Pina — e é do acto a foto que publicamos — pelo seu valioso trabalho científico, apresentado em 1943.

OS EMBLEMAS DA CIDADE

S

ASSOU o tempo d a a botoeiras floridas. Já hoje é raridade encontrar-se um homem, imperitigado, de cravo ao peito ou uma dama, elegante, de rosa no decote. A moda inventou, agora — e vantajosamente — os emblemas desportivos para o sexo forte e chapões em metal, desgraçados, para alindar o colo feminino. O homem lucrou com a nova moda. Se é desportista ferrenho, presta um inestimável serviço lá ao clube de ponta-pé na bola, exibindo, em esmalte, as insígnias da colectividade predilecta. Além disso, o emblema é um cartão de visita — uma apresentação, uma confissão pública. até, da mentalidade. Um cavalheiro que traga, por exemplo, o distintivo de qualquer sala de «box» já se sabe, de ante-mão, que é seu gósto resolver qualquer assunto, em «rounds», com os punhos, em lugar de se perder em pacíficas explicações, que não levem às cordas...

É certo que nem sempre os senhores do emblema pertencem aos clubes da cidade. Há, mesmo, os que às vezes nem sabem o que os emblemas representam. Bandelrinhas, lanças, cabeças de feras, flôres esmaltadas, que nunca tiveram significado desportivo e são, muitas vezes, puros réclamos de graixa para calçado, de águas para o fígado, de aparelhos de rádio. Na América, o emblema é uma instituição. Há milhares, varia-

dos — desde os grupos de dança, aos círculos alegres da comezaina. E chega-se a fazer isto: o sócio da colectividade, se for encontrado na rua sem distintivo, paga uma multa. Em Lisboa há cinqüenta mil desportistas e outros tantos simpatizantes. Claro que toda esta gente não usa emblemas — porque ninguém está para andar a dizer por todo o lado: «eu sou Benfica — ou sou caçador!» De maneira que acontecem coisas engraçadas, cheias de pitoresco. Ainda há dias um velhote, o Tibúrcio, que pôrtou num banco, vinha no eléctrico, depois de ter dado uma passeata ao Lumiar. O carro vinha chelo e o bom do Tibúrcio, apertado, numa roda indisciplinada que o pisava, que o acovelava,, gemeu as passas do Algarve. Ele ouvia falar no Benfica «que era o melhor», «na culpa do árbitro», nos bandidos dos «leões», num «goal» que não foi «goal», mas não percebia patavina. Quando chegou aos Restauradores e se apeou — um do grupo onde ele ia entalado disse-lhe ao ouvido: não fôsse você um jarrêta — e havia de engulir o «leões»!

O Tibúrcio ficou atônito. E mal chegou a casa perguntou ao neto:

— Ouve lá rapaz? o que significa este emblema?

— É o Sporting! então o avô não sabe?

E o Tibúrcio, que nunca tinha visto um jôgo de bola, nem percebia disso, comprou um emblema maior, fez-se sócio dos leões e anda à espera que lhe façam engulir o distintivo.

MANUEL MARTINHO



QUANDO ELAS ERAM MENINAS!



S ESTRELAS DE CINEMA, QUE HOJE DESLUMBRAM O MUNDO, TAMBÉM FORAM MENINAS! NESSE TEMPO, NÃO SONHAVAM COM A GLÓRIA DO PALCO OU DA TELA. E VIVIAM, NAS CIDADES OU NAS PROVÍNCIAS, COMO OUTRAS MENINAS QUAISQUER, ENTRE GUES AOS TRABALHOS ESCOLARES E AOS FOLGUEDOS PRÓPRIOS DA IDADE.

COMO ERAM ELAS, NESSES TEMPOS DESCUIDADOS E FELIZES?

1 Em 1915, esta menina dos caracóis, com um laço no cabelo, tirava o retrato nos estúdios do sr. Connelly, de Chicago, para assinalar uma data importante: a sua primeira aparição em público, na festa escolar celebrada no Convento do Loreto, em Saint Louis, Missouri. Tinha, então, onze anos. Hoje, é célebre e chama-se — Irene Dunne.

2 Nasceu em Winnipeg, no distrito de Ontário, no Canadá, e na véspera do Natal de 1922. O clima não favorecia a precária saúde do pai. Assim, a família trasladou-se para a Califórnia, que tem, no cartaz do turismo, a garantia de um céu azul e de eterna primavera. Em 1926, a menina Edna Mac Durbin tirou este retrato. Já adivinharam quem é ela, não é verdade? Canta como uma cotovia e é uma das favoritas do mundo. No cinema, tem o seu nome a letras de ouro — Deanna Durbin.

3 Eram três irmãs. Desde pequenas, habituaram-se às andanças pelo palco. Constituíam um número infantil, gracioso e encantador: as «Gumm Sisters». Frances, que a nossa foto representa, aos cinco anos de idade, isolava-se para representar Cupido, no prólogo de uma peça levada à cena em Los Angeles. E cantava, com a sua vozita de cana rachada, «I can't give you anything but love, Baby». As «Gumm Sisters» separaram-se. A menina Frances veio para o cinema. Hoje, todos a conhecem e admiram, sob o nome radioso de Judy Garland!



«ÊSTE, É O MOMENTO MAIS BELO DA MINHA VIDA!»

INGRID Bergman é sueca. O seu primeiro filme, que a atirou, de chofre, para a primeira fila das celebridades mundiais, chamou-se «Intermezzo». Ingrid vivia a doce figura da professora, ao lado do málogrado Leslie Howard, o homem que a seguia para toda a parte, e que por amor dela abandona o próprio lar...

Desde então, Ingrid não mais deixou de notabilizar-se como grande vedeta. E a sua actuação, em dois filmes, fez-lhe ver, de perto, a possibilidade da Academia de Artes e Ciências a proclamar como a melhor intérprete do ano. Referimo-nos às criações em «O Médico e o Monstro» e «Por quem os sinos dobram».

Greer Garson, em «Mrs. Miniver», e Jennifer Jones, em «A Canção de Bernadette», não lhe permitiram, porém, a conquista do almejado prémio.

Finalmente, este ano, chegou a consagração. Ingrid Bergman foi proclamada a melhor intérprete de 1944 — e tudo indica (as notícias não são precisas), que foi a sua criação em «Gaslight», ao lado de Charles Boyer, que lhe valeu a distinção.

Ao microfone da N.B.C., Ingrid profere as palavras com que recebeu a notícia: «Este é o momento mais belo da minha vida!». Ingrid Bergman alcançou o mais ambicionado prémio a que pode aspirar uma vedeta de Hollywood.





PLANOS DE MONTAGEM

● Já foi assinada a escritura da nova exploração do Politeama. A gerência futura, que actuará a partir da época de 1945-1946, obriga-se a fazer importantes obras naquela sala, e que atingirão, segundo se diz, mais de mil contos. A concessão foi feita pelo prazo de dez anos.

● «A noiva do Brasil» estreiar-se-á no decurso do corrente mês, logo que o filme actualmente em exibição na tela do Tivoli, termine a sua carreira.

● Arbués Moreira constituiu uma sociedade — Cine Editora, Limitada — para produção de filmes. Segundo consta, «Ladrão, precisa-se», de Jorge Brum do Canto, marcará o início da respectiva actividade.

● «Produção n.º 1», da Cinelândia, argumento e realização de Carlos Porfirio, será estreada no Eden, logo que sejam dados por findos os trabalhos de montagem.



CINEMA, NA OFENSIVA DA PAZ

No banquete comemorativo do 14.º aniversário do Prémio Nobel, realizado recentemente no Hotel Astor, de Nova-York, o sr. Darryl Zanuck, magnate da indústria cinematográfica americana, pronunciou um discurso subordinado ao tema «Educação para a Paz do Mundo Post-Guerra».

O sr. Zanuck começou por afirmar que o cinema será a grande arma da ofensiva da Paz. Impõe-se, desde já, acrescentou, o estudo de produções

orientadas no sentido pacifista. É preciso ensinar o mundo a renunciar às guerras de extermínio, que são o suicídio dos valores permanentes da Humanidade inteira. Evidentemente que seria utópico pensar — frisou o sr. Zanuck — que a luta presente ponha termo a todos os problemas e dissensões. Mas é necessário inculcar nos povos a ideia de que não é indispensável recorrer à força para defender direitos. A lei do mais forte não serve a justiça social e humana. A guerra nunca poderá, igualmente, ser o instrumento ideal para a resolução dos «diferenduns» que se suscitam.

«Há povos — continuou o produtor americano — que foram educados para a luta. O ardor bélico corre ainda nas



QUEM a viu no «Fantasma da Opera» não a reconhece, por certo. Esta encantadora rapariga que aqui lhes sorri é a mesma «M.elle Dubois», por amor de quem o Claude Rains comete tantos crimes... A mesma lindíssima rapariga que canta, naquele filme, de forma assombrosa. A mesma Susan Forster, que é hoje uma das vedetas mais em voga na América inteira.

Preparam-se para a ver em alegres comédias musicais — e em alguns filmes de terror, também. Porque, para o ano, anunciar-se o segundo filme que interpretou, «Climax», e onde encontraremos o ambiente da versão cinegráfica do romance de Gaston Leroux... Hollywood gosta sempre de insistir nas receitas que provam bem.

suas veias. O cinema, através de filmes criteriosamente estudados, poderá ser o antídoto para esse veneno, para a ameaça permanente que constituem no mundo de amanhã.

«A indústria do cinema para servir a causa da Paz, deverá limitar-se a proclamar a verdade eterna — amai-vos uns aos outros! E, assim, haverá paz na terra, entre os homens de boa-vontade».

A ideia do sr. Zanuck não é nova. Wendell Wilkie, no seu «One world», atribuiu também ao cinema um papel de relêvo na preparação da Humanidade do post-guerra. Há, evidentemente, muita ingenuidade e idealismo, no meio de todas estas considerações. Mas não deixa de ser louvável que Hollywood se preocupe, desde já, com a função social do cinema, a partir do instante em que os clarins toquem a cessar fogo!

A América nem sempre compreendeu a velha Europa. A missão que se pro-

põe agora — educar o mundo para a Paz — é bela e generosa, mas erigida de espinhos. O problema não se resolve com fórmulas. Os povos estão cépticos e cansados e já não acreditam no altruísmo. Há que inculcar-lhes, em primeiro lugar, confiança nos próprios destinos. Despertar as consciências adormecidas. Revigorá-las, restituir-lhes a saúde do corpo e do espírito. Trabalho longo, que exige um tacto infinito, inteligência, perseverança. O cinema pode certamente ser um agente terapêutico, de primeira ordem. Mas pensar que meia dúzia de filmes de propaganda da Paz podem anular os malefícios de outros tantos filmes de propaganda da guerra e, mais do que isso, cicatrizar feridas e aquietar a sede de revanches — no rescaldo inevitável de sete anos de chacina — parece-nos mais do que ilusão, uma alucinante utopia.

FERNANDO FRAGOSO

O SOLAR DE S. SILVESTRE

NOVELA DE ROGER BERNARDET



caleche de Jean Marie de Saint-Luc perdeu-se na floresta. É noite de São Silvestre e ao solar que fica lá ao fundo, longe do mundo, puseram o mesmo nome. Noite de S. Silvestre, solar de S. Silvestre, que poderá esse jovem conde ambicionar que não lhe seja dado possuir? Vai entrar. Bateu à porta e sentiu um mau-estar. Não, aquele velho solar não é hospitaleiro. Diz ao que vem, diz que anda perdido e pede pernoitada. A velha criada não

parece satisfeita mas, daí a pouco, regressa com a resposta:
— Venha. O senhor convida-o para a ceia.
É quasi meia-noite. Na velha sala ampla, as luzes dos candelabros mal conseguem vencer o ambiente estranho, triste e soturno. A volta da grande mesa estão três vultos, ainda de pé: o velho castelão, a filha Agnès e o filho Alexis.
O velho e o rapaz olham-no curiosos. A jovem parece que o não vê. Jean-Marie cumprimenta, vai para agradecer, mas o velho não deixa:
— Sente-se!
O jantar vai começar. Há um lugar vago e o velho insiste:
— Sente-se, já disse!
Jean-Marie afasta a cadeira...

— Não se sente nesse lugar!
Agnès dirigiu ao pai um olhar carregado de ódio.
— Quem vos autoriza?
O velho limitou-se a acolher os ombros e, de um pulo, Alexis sentou-se:
— E a ti, quem te autoriza a conservar esta sala e esta cadeira sempre desocupadas?
— Alguma vez ela será de novo ocupada!
— Talvez por um fantasma, não? O rosto de Agnès iluminou-se.
— Um fantasma, Hervé? Talvez. O demónio caíu porque era demasiado frágil e puro para viver cá em baixo. Eu nem sequer seria digna de o amar.
— Tolices.
— Tolices, esperar aquele que nos ama?
— Ele ama-te mas foi-se embora.
Alexis riu de troça.
— Sentiu que tinha o demónio no corpo e partiu para se purificar. Já lá vão cinco anos espero-o aqui em São Silvestre e sei que éle virá...
Sim, havia cinco anos que ela esperava esse amor desaparecido uma noite, esse amor que a tinha abandonado. Sim, havia cinco anos que ela lhe guardava aquele lugar. Jean-Marie não sabia se devia acreditar no demónio que se tinha introduzido na alma de Hervé ou, simplesmente, no amor que dominava no coração de Agnès... Hervé... um amor lendário...
«Uma desobediência, uma desobe-

diente, a minha filha Agnès».
As palavras do velho ballaram-lhe no espírito. E teve vontade de rir...
— Basta! — gritou o pai. — Não é nada de admirar que o outro não tenha voltado. Todos os demónios valem mais do que vocês!
Agnès e Alexis tinham-se calado. Jean-Marie permanecia imóvel e muda...
O pai duas vezes bateu palmas e uma mulher de idade, um pouco curvada, apareceu. A um gesto do velho, saiu e voltou logo com um quinto talher. E o jantar começou — um jantar bizarro, onde cada convida como que vivia um mundo interior. O pai trocista; Agnès impassível de novo; Alexis de rosto angustioso perturbado de um rictus aos cantos dos lábios.
De repente, os olhos de Jean-Marie pareceram os olhos de Agnès.
De amor atormentado e extraordinário. Mas não era, nessa noite, tudo tão extraordinário?
Ouvia-se um ruído de pérolas que rolavam pelo chão... O colar de Agnès partira-se. E Jean-Marie viu só que as pérolas rolavam, rolavam... Levantou-se e pôs-se a apanhar uma por uma. O velho, Alexis e Agnès continuavam a viver o seu sonho interior. Jean-Marie só via as pérolas. Não pensar senão em pérolas é grave, principalmente quando, fadigado, alguém se sente bruscamente num lugar que não se sabe a quem

(Continua na pág. 18)

LIVRARIA BERTRAND

APRESENTA AS SUAS RECENTES EDIÇÕES



* «O Grupo dos Cinco» — Dramas espirituais — assim intitulada o P. Moreira das Neves o seu novo trabalho em que perpassam as notáveis figuras de Antero do Quintal, Oliveira Martins, Ramalho, Eça de Queiroz, António Feijó, Conde de Sabugosa, Teixeira Lopes, escrito em estilo elegante e deduzido com notável brilho.



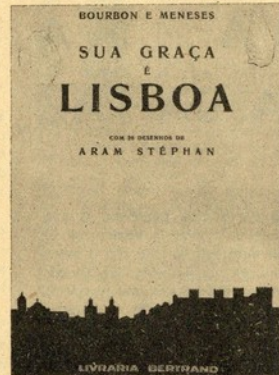
* É muito difícil escrever, com substância instrutiva e motivos de atracção, para o pequeno mundo infantil. No entanto, Christine Merlant conseguiu dar-nos um livro curiosíssimo que se intitula «As flores de Miko», e que traz ilustrações de Eurico Ferreira.



* Eis uma nova edição de «Uma Família Inglesa», o consagrado romance — um dos melhores deste autor — que a nossa literatura ficou a dever a Júlio Diniz.



* «E ressurgiu das trevas...», assim se intitula o ponderado e bem documentado estudo político e militar da França, assinado por Paul Teyssier.



* Bourbon e Menezes acaba de publicar um livro notável — mais de duas dúzias de crónicas em que se agiganta, pela pena do escritor e jornalista ilustre, o perfil da nossa cidade.



Eça de Queiroz teve em António Cabral um dos seus mais criteriosos comentadores. E apesar de já vir de longe esse trabalho proba o interesse crítico, deve apontar-se como um dos seus melhores livros sobre o mestre do romance

LIVRARIA BERTRAND
RUA GARRETT — LISBOA — TELEF. 20535
NO PORTO — LIVRARIA INTERNACIONAL — R. S. ANTONIO, 43-45

CAMINHAMOS PARA AS GRANDES CONFEDERAÇÕES EUROPEIAS?



A França gasta, faz por vencer a crise actual. E, assim, por exemplo, os problemas de reconstrução foram postos em conselho de ministros. Depois de fixadas as atribuições do novo ministério de reconstruções e urbanismo, um número impressionante foi apresentado: 2.000 bilhões de destruições existem em França — compreendendo casas, pontes, monumentos, etc. E, para cúmulo de dificuldades, o Governo não está em condições de tomar a seu cargo a reconstrução de tanta coisa destruída ou de indemnizar os que foram sacrificados. Dêste modo, o Governo da França resolveu que a fixação definitiva da percentagem de indemnizações só será estabelecida quando regressarem os prisioneiros e deportados, pois só então, também, serão avalladas as possibilidades de produção industrial assim como as condições do tratado de paz, relativas às importações e às penas impostas aos vencidos, para auxiliar a reconstruir as regiões sinistradas.

Por outro lado, a França retoma o caminho de acordos comerciais e económicos com os países seus vizinhos — como acaba de o demonstrar, assinando um importante documento com a Holanda e a União Belgo-Luxemburguesa. Kleffens, ministro

dos Negócios Estrangeiros dos Países Baixos, esteve em Paris para assinar este acordo económico de consultas mútuas, fixando definitivamente, os princípios de segurança colectiva — dentro, evidentemente, das propostas elaboradas em Dumbarton Oaks.

Do acordo assinado no Quai d'Orsay, na presença de Bidault, Kleffens, barão Guilherme — embaixador da Bélgica — Bolssevaln — encarregado dos Negócios da Holanda — e Funk, ministro do Luxemburgo, extraem-se as seguintes resoluções: os quatro países consultar-se-ão e prestar-se-ão auxílio recíproco, no domínio económico, prontificando-se a restabelecer, em conjunto, os caminhos do comércio internacional; de futuro, os problemas do racionamento, da produção agrícola e industrial, reorganização de indústrias existentes ou de outras a criar; a reorganização de transportes, etc. — serão objecto de consultas periódicas e troca de consultas entre os quatro governos. O mesmo acordo prevê a constituição de um conselho de cooperação económica, composto de três delegações, em representação dos governos da União Belgo-Luxemburguesa, dos Países Baixos e da República francesa. Por outro lado, uma secretaria permanente será encarregada de assegurar uma constante ligação entre o conselho, os governos signatários e os peritos que lhes prestem assistência.



O Brasil entrou no conflito de uma forma activa, não se limitando à declaração formal de estar em guerra com o «Eixo» — mas enviando os seus soldados para as frentes de batalha. Vemos na foto uma banda militar brasileira tocando o hino nacional, à chegada de um contingente a um porto italiano.

Uma fotografia histórica: Mussolini e o seu Estado-Maior passaram cinco dias no Quartel General do Führer, estudando as operações militares. Von Rundstedt, entre Hitler e o general da «Luftwaffe» Loehr, explica tranquilamente os seus planos, que o «Duce» e o general Cavallero seguem com atenta e deslumbrada atenção. Anos depois — agora — as agências telegrafam que o marechal von Rundstedt foi preso, juntamente com seu filho, depois de ter sido destituído do comando da frente ocidental, desmornada na linha do Reno. O que é a guerra...



O metropolitano Termogeno, presidindo a uma cerimónia religiosa em Zagreb, capital do antigo Estado da Croácia.



Sentado neste «Mercedes» está o marechal Kesselring, antigo comandante da «Luftwaffe» no norte de África, depois comandante da frente alemã em Itália, e a quem Hitler confiou agora o tremendo encargo de defender o Reich dos anglo-americanos, nomeando-o comandante-em-chefe da frente ocidental.



Numa fábrica inglesa aprontam-se bombas de dez toneladas para avião, das que tantas e tão vastas devastações têm produzido nas áreas industriais do inimigo.

ESTÁ SATISFEITA A SUA CURIOSIDADE!

DETECTIVE

PREÇO
1\$50
AVULSO

REALIZAÇÃO LITERÁRIA DE REPÓRTER MISTÉRIO

aparecerá finalmente este mês!

UM JORNAL ÚNICO
NO SEU GÉNERO
EM PORTUGAL

TERROR! ★ EMOÇÃO! ★ MISTÉRIO! ★ CRIMES!
HEROÍSMO! ★ ESPIONAGEM! ★ CRIMES CÉLEBRES!
REPORTAGENS! ★ INQUÉRITOS! ★ CONCURSOS!

Tudo isto e muito mais no 1.º número de

DETECTIVE

O GRANDE SUPLEMENTO POLICIAL DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

Distribuição gratuita aos assinantes desta revista.
Avulso: 1\$50. Faça desde já a sua assinatura e receberá duas publicações — em vez de uma!



Deste ângulo, é capaz de descobrir qual foi o monumento fotografado?

O colosso de Rodas.
A Esfinge.
O Gigante de Cardiff.
A Cibele.



UM AMIGO DA ARTE

— Quanto pede por este quadro?
— Cinco contos.
— Dou-lhe dez, se me disser onde mora o modêlo.

RESPONDA QUEM SOUBER!

- 1) Qual é a maneira de transformar uma banana num outro fruto tropical?
- 2) Qual é a cidade portuguesa que trocando a primeira letra por outra se transforma numa cidade e capital de um país europeu?
- 3) Como é que termina a guerra?

APP

RAINHA DA HUNGRIA

VINHOS VELHOS DO PORTO
Niepoort

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

PAQUETE "NYASSA"

Saída na 2.ª quinzena de Abril

com escala por Leixões (se convier), para Funchal, S. Tomé, Zaire, Luanda, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e outros portos com baldeação

RECEBE CARGA E PASSAGEIROS

LISBOA. Rua do Comércio, 85 — Telefones 2 3021 a 2 3026
PORTO. Rua Infante D. Henrique, 73 — Telefone 1434

composição / Mentolum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs.
Lanolinum Anhydricum 16 grs.

BAUME BENGUE
ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMOS
E NEURALGIAS
Dr. BENGUÉ, Farmacêutico de 1ª classe
pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico
de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em tôdas as casas.
Alívio rápido, após a primeira aplicação

À venda em tôdas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

Se sofre das gengivas faça uma massagem com



Se quiere ter os dentes sãos e belos lave-os com SULFADENTINA

UMA GOTA DE «HERPETOL»

E O DESEJO DE COÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO E DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALÍVIO COMEÇA

«HERPETOL»

É UM MEDICAMENTO SÉRIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMA (HÚMIDO OU SECO), CROSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDÊNCIAS NA PELE, ETC. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em tôdas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00





Elas 2 da madrugada, à porta da Sé Velha, os estudantes da «Rás-Teparta» cantam velhas canções ao Mondego...

Coimbra, todos os sabem, é a terra das tradições académicas. E uma das mais velhas, precisamente, é esta das «Repúblicas». Ora, precisamente ainda, uma das mais curiosas e «tradicionais» Repúblicas de Coimbra, é essa de «Rás-Teparta», que gloriosamente acaba de comemorar o II centenário da sua fundação (e, aqui para nós, devemos dizer que os estudantes contam por cem cada dez anos de Coimbra...).

Para festejar este duplo centenário—de vinte anos—houve festa rija: foguetório pela manhã, hastear da bandeira e trastes velhos na fachada do palácio governamental. Depois, à medida que o sol ia subindo e descendo, chegavam altos representantes das Repúblicas circunvizinhas, não faltando, mesmo, aqueles que, já formados, tinham passado pela «Rás-Teparta», lá estando, ainda, os representantes da Imprensa, como arautos dos grandes factos que são. Na recepção—que teve carácter permanente e estável—houve centenas de discursos—alguns bisados e trisados—pois, como se sabe, o português foi sempre dado aos discursos—salientando-se, entre tantas, as palavras do Dr. Fernando Celso Miranda, uma nova espécie de orador oficioso.

A alegria dos «rás-tepartianos» não cabia, porém, na sua República. E começou, então, a expandir-se pelas ruas da Alta e da Baixa. Mas, às vinte horas começou no palácio governamental o serviço do lauto banquete, dissolvido em garrafinhas do verdinho do Dão. Mais de três horas durou o esmerado serviço de limpeza de tachos—o tempo necessário para esgotar o reportório de canções e a colecção de garrafas de espumante e vinho do Pórtó, este

servido em garrações. Enfim, durante o banquete, com alguns toques de alegre embriaguês à mistura, houve guitarradas, leitura de expediente—telegramas, mensagens e tudo o mais que possa atribuir-se, com verdade ou sem ela, a um grupo de alegres e bons rapazes.

A presidência foi oferecida ao rás-mór, Dr. José Dias da Fonseca e, para que à festa não faltassem todos os condimentos—até houve «Café do Piratas».

A festa, de tão grata memória, terminou, às tantas da madrugada com uma serenata na Sé Velha—o sr. comandante da Polícia deu autorização—não faltando o luar e as lindas tricanas, para dar à festa aquele sabor de coisas de tradição. Primeiro gemeram as guitarras. E o silêncio do povo foi solene. De toda a parte tinha acorrido gente, mal soubera que havia serenata—uma velha graça de Coimbra perdida sob os papéis proibitivos, dimanados da Polícia. E quando as guitarras acabaram de gemer a sua melopeia—então o povo rompeu a gritar:

—Agora o Dr. Moreira! Agora o Dr. Moreira!

Coimbra conhece-o. É orfeonista, e pertence à «República Baco», dignamente representada no II centenário da «Rás-Teparta». E o Dr. Moreira cantou. Cantou uma canção antiga que a todos fazia lembrar a velha Coimbra...

Até às 3 da madrugada, houve soluços de guitarras, alegria nostálgica—parece contrassenso mas é apenas paradoxo—e tudo o mais que cada um possa admitir: as capas negras esvoaçando no dealbar, já dispersas pela cidade e os corações das tricanas a chorar de vagarinho...

COIMBRA DOS ESTUDANTES

A RÁS-TEPARTA

FESTEJOU DOIS CENTENÁRIOS E FEZ UMA SERENATA NA SÉ VELHA...



ALGUNS DOS MUITOS QUE VÃO FAZER AS FESTAS DE COIMBRA

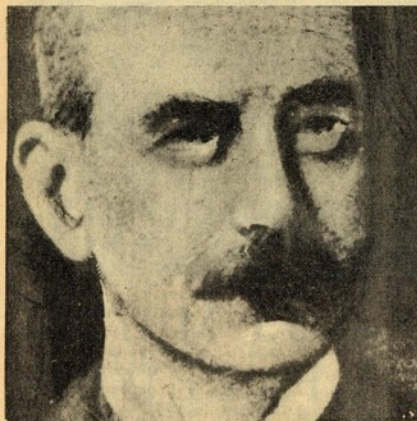
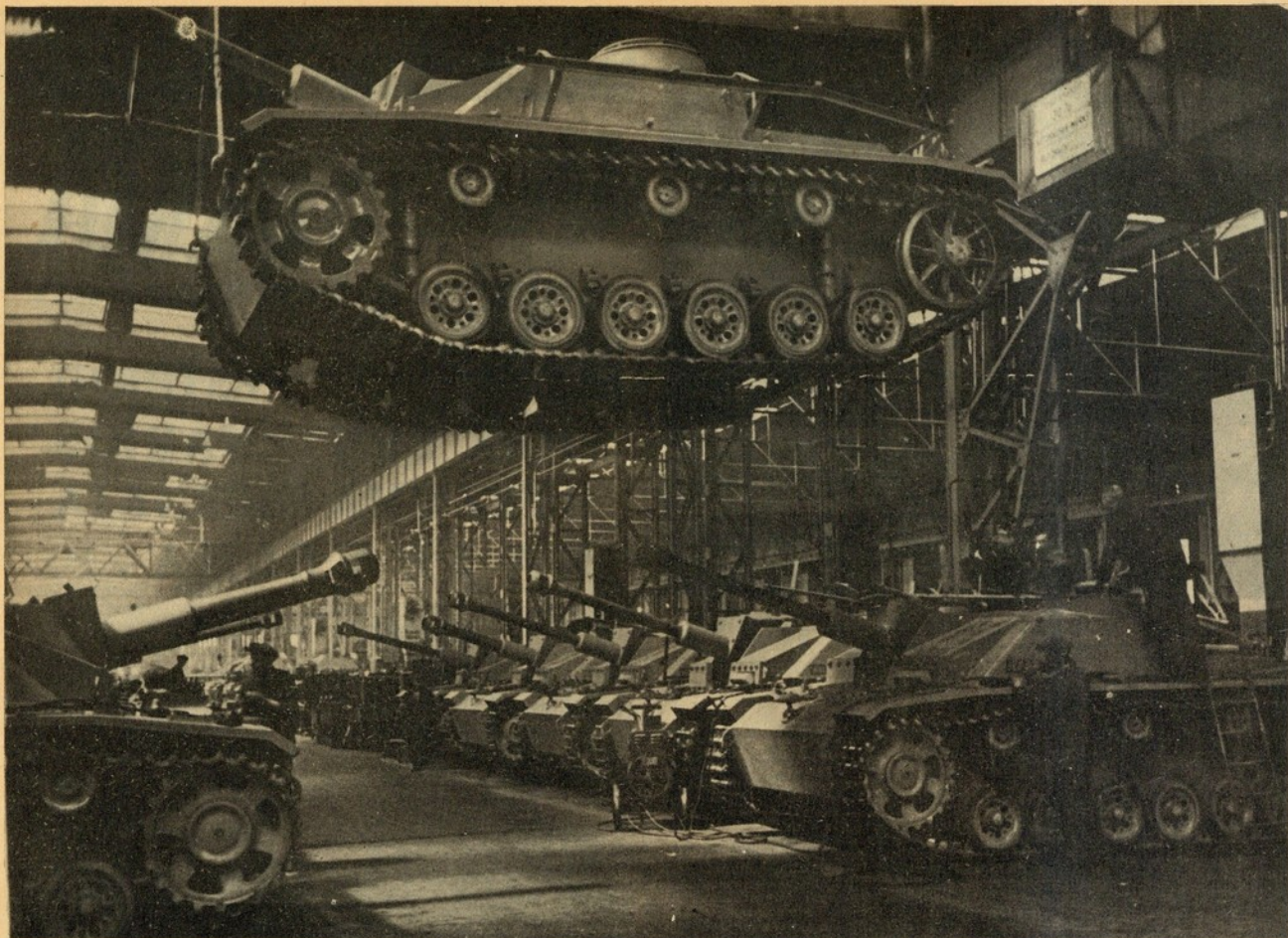


AO dar muito que falar as festas que este ano se realizam em Coimbra, por ocasião da queima das fitas. Gente moça, levadinha da breca, a da academia coimbrã val revolucionar o país. De toda a parte, o português confluirá a Coimbra para assistir às festas desportivas, ao baile de gala, ao cortejo, à garralada, à venda das spastas, a favor da Obra do Dr. Elísio de Moura, saráu no Teatro Avenida, tarde de Arte na Faculdade de Letras, Chá no Liceu D. João III—pois tal será o programa das festas este ano.

Nas duas fotos, damos—primeiro as senhoras...—a comissão de benemerência, com o esclarecimento de que é esta a primeira vez em que senhoras tomam parte na comissão de festas. São elas (quartanistas e que passarão à história da Academia), vistas da esquerda para a direita: D. Maria Antónia Deonísio, da Faculdade de Letras, com funções de vogal; D. Maria do Céu Videira Machado, da Faculdade de Ciências, com funções de tesoureiro; D. Margarida Ferrer, da Faculdade de Direito, com funções de secretário, e D. Ester Falcão Ferrer, da Faculdade de Medicina, que preside à comissão.

E, agora, vamos à comissão central, vista da esquerda para a direita, e que é formada pelos srs. Aires Biscaia, da Faculdade de Ciências, vogal; Alcides Batos Bizarro, da Faculdade de Medicina, presidente; Álvaro Leça Neves, da Faculdade de Direito, Secretário; e Joaquim Carmelo Rosa, da Faculdade de Letras, que é também vogal.

Com tantos jovens, futuros grandes homens do país—não há-de o país contar com as grandes festas por eles promovidas?



«Sir» Basil Thompson, director da Intelligence Service, a quem se deveram muitos êxitos noutra «guerra secreta».

«TODO O GOVERNO QUE, SOB O PRETEXTO DE QUE A ESPIONAGEM É IMORAL, SE RECUSA A PEDIR AO PARLAMENTO O VOTO PARA OS FUNDOS NECESSÁRIOS AO QUE SE CHAMA «SERVIÇOS SECRETOS», TORNA-SE CULPADO DE ALTA TRAIÇÃO».

FOI «Sir» Basil Thompson quem, nas suas memórias (!) subscreveu esta declaração cuja veracidade não carece de ser demonstrada. Em que terrível inferioridade, com efeito, se colocaria uma nação em guerra) que, por escrúpulos de nobreza, acreditasse poder desdenhar esse processo de informação, enquanto esse mesmo processo seria empregado contra ela por todas as outras nações! Assim, ser-lhe-ia impossível conduzir-se «de igual para igual»; e perderia uma arma cuja extraordinária eficácia fez dizer ao marechal Joffre: «O relatório oportuno dum espião pesa por vezes mais na decisão de uma batalha que a bravura dum corpo de Exército».

Duma maneira geral, pode afirmar-se que nada, ou quasi nada, escapa aos olhos de uma espionagem organizada como estavam, durante a guerra passada, a Intelligence Service dos britânicos, ou o famoso

Deuxième Bureau francês, ou ainda o organismo similar dos alemães cuja sede oficial era no Thiergarten, em Berlim.

Sabe-se o terrível preço que custou aos Aliados, em 1917, a descoberta feita pelo inimigo dos preparativos da tristemente famosa «ofensiva Nivelle» sobre o território francês, e o preço não menos sangrento (113.000 mortos!) pelo qual foi paga a tentativa da conquista da quasi ilha turca de Gallipoli — tentativa cujos planos eram do conhecimento do Estado-Maior otomano.

É bom dizer-se isto: não há armas secretas para a espionagem. Sempre que um qualquer novo engenho de combate está em fabricação nas oficinas mais escondidas de um beligerante, o adversário é disso informado, se não de uma forma pormenorizada, pelo menos de uma maneira que o põe ao corrente das características essenciais da nova arma, e sobretudo da sua função.

Foi assim que durante a guerra passada, o Deuxième Bureau de Paris teve conhecimento, muito antes da sua aparição sobre o campo de batalha, do famoso obuz de gases que o exército alemão preparava nas fábricas Krupp, em Essen. Por um acaso extraordinário — esse acaso que é o deus da espionagem — um agente francês em missão na cidade alemã de Essen, onde estava encarregado de se documentar sobre a qualidade de um certo aço empregado pelo inimigo na fabricação das suas melhores armas, descobriu o que se tramava secretamente detraz dos muros das célebres fábricas.

COMO O «DEUXIÈME BUREAU» DESCOBRIU AS «GRANADAS DE GASES» QUE OS ALEMÃES FABRICAVAM SECRETAMENTE.

Oiçamos esse agente no relato que ele próprio fez da sua odisséia, relato que foi recolhido por Ch. Lucietto no seu livro «Missions Spéciales»:

— Um dia, estando a almoçar no «Essener-Hof» (restaurante que, como todo o que naquele tempo havia em Essen, pertencia à família Krupp) ouvi, conversando com contra-mestres e engenheiros, que alguns dias mais tarde seriam experimentados perante uma comissão militar projecteis de um género absolutamente novo, cujo emprego maciço deveria dar a vitória aos Impérios centrais.

«A novidade foi-me confirmada nessa mesma noite, por um dos guardas especialmente encarregados da vigilância das fábricas, e de quem eu me fizera amigo no decurso de copiosas libações. Ele acrescentou:

— Esses cães desses franceses e desses ingleses tremem já, se soubermos o que os espera!

«E como eu fingisse não ligar senão uma importância muito superficial às suas palavras, ele precisou: — Nós vamos lançar um novo projectil, duma tal

potência que nada ficará com vida num raio de cem metros!»

— Ora!... Há seis meses que não se fala de outra coisa! — fiz eu, incrédulo.

Vexado, o guarda gritou-me:

— Essa agora!? Vi com os meus olhos, noutra dia, carregar um desses projecteis!

— Com pós de «perlimpimpim», não?... — respondi-lhe, a rir. — Pois você não percebe que lhe contaram uma história da carochinha? E, depois, se houvesse um segredo de fabricação, como diabo queria o amigo que o pusessem ao alcance da vista de um simples guarda? Se você fôsse oficial, ou engenheiro... eu ainda admitia...

«O meu homem quasi se zangou:

— Pois fique sabendo que um simples guarda como eu, sabe muitas coisas bem primeiro que muitos oficiais ou engenheiros! Entro em sítios onde nem engenheiros nem oficiais entraram nunca!

— Ora...

— Ora?... Mas se eu lhe digo que vi com estes que a terra há-de comer, carregar um obuz com gases asfixiantes?

— Como quer você — objectei a rir — que encerrem gases dentro de um obuz? Era a mesma coisa que guardar água numa galola!...

«O meu guarda estava furioso:

— Você toma-me por um alarve!? Pois bem: quanto quer apostar que existem já obuses com gases asfixiantes?

— Aposto mil marcos que esses tais obuses não existem senão na sua imaginação...

— Não se esqueça do que disse. Hoje já não perdi o meu dia...

— E quando me mostra você esse famoso obuz?

— Quando quiser! Mas, o melhor, será para que nenhuma dúvida subsista no seu espirito, fazê-lo assistir à experiência oficial. Claro, isto fica entre nós...

— Muito bem, muito bem... Mas de que experiência fala você?

— Daquela a que assistirá o Kaiser, dentro de alguns dias.

— O Kaiser? Em Essen? Isso é fantasmagórico, homem! Como pôde você acreditar que o Imperador venha a Essen? Vamos, meu amigo, acredite que estiveram a brincar consigo... e que perdeu os mil marcos!

— Também quer apostar alguma coisa sobre a vinda do Kaiser aqui na sexta-feira próxima?

Três aspectos das fábricas Krupp, em Essen, antes das últimas grandes investidas dos Aliados. Nesta página, ao alto, as fábricas de «tanks» e carros de assalto. Na página ao lado: à direita, uma fábrica de peças de D. C. A., e morteiros; à esquerda, uma fábrica de «tanks».

3

ESPIÕES DE GUERRA

EFICIÊNCIA DA ESPIONAGEM

POR PIERRE GOEMAERE

I—ESPIONAGEM DE ONTEM E DE HOJE. II—A ESPIONAGEM PERANTE A MORAL. III—EFICIÊNCIA DA ESPIONAGEM. IV—ARMAS SECRETAS. V—TINTA SIMPÁTICA. VI—MULLER, O DANDY ROWLAND. ESPIÃO POR AMOR. VII—UM ALPINETE PODE PERDER UM HOMEM. VIII—SELOS E PEQUENOS ANÚNCIOS. IX—A BENGALA DE MR. ARCHIBALD. X—O ESPIÃO CORREIO DE NANTES E O HOMEM DE PARIS. XI—AS SEREIAS E A MULHER QUE MUITO GOSTAVA DE OVOS. XII—HISTÓRIA DA BELA LAZZIE WERTHEIM. XIII—O DUPLO ESPIÃO. XIV—MARTA RICHER, A SEREIA FRANCESA. XV—EMA STUBERT, AQUELA QUE BRINCAVA COM O COBACÃO. XVI—MATA-HARI FOI PREVENIDA DUAS VEZES. XVII—FRAULEIN DOKTOR, PROFESSORA DE ESPIONAGEM.

UM EXCLUSIVO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

—Claro! Aposto outros mil marcos!
—O dito, dito!...

«E, depois de reflectir um instante:
—Espere-me aqui na sexta-feira, às duas da manhã, e então verá se sou mentiroso. E não se esqueça: traga consigo dois mil marcos.

«Sexta-feira de manhã, o guarda veio buscar-me».
—Nós marchamos imediatamente—disse-me ele—porque é conveniente que cheguemos antes que os acessos ao polígono estejam interditos pelos serviços de ordem. Eu conheço um cantinho onde você ficará perfeitamente instalado para observar as experiências.

«Através de caminhos impossíveis, chegámos ao polígono, no centro do qual, ou seja a uns mil e duzentos metros das baterias, estava dispersa uma centena de cordeiros.

—Para que diabo estão ali aquelas ovelhas? — perguntei ao meu companheiro.

—Esses bichos — respondeu-me — representam os franceses e os ingleses... Você vai ver daqui a pouco quantos ficam vivos!

—São estas ovelhas que vão servir de isca?
—Creio que você não esperava que experimentássemos os nossos obuses com seres humanos...

«Concordei.
«Ao fundo do campo de tiro e começando a circundá-lo, pelotões de soldados puseram-se em marcha. Perto da porta, descendo de automóveis, agruparam-se oficiais que aguardavam o Kaiser.

«Pouco depois, chegou o Imperador. Acompanhado pela sua comitiva, apertou a mão a alguns oficiais e dirigiu-se para o terreno onde, bem em evidência, estava uma peça de campanha, de 77 milímetros, e uma peça de marinha.

«Acompanhado pelo guarda, escondi-me melhor no nosso buraco e esperel o que ia passar-se.

«Ouvi vozes de comando, breves; dois tiros soaram e, diante de nós, a alguns metros do rebanho, os obuses explodiram. Da terra elevou-se, logo após a explosão, uma nuvem de cor amarela-esverdeada

que pairou um instante e depois se alastrou, envolvendo na descida todo o rebanho.

«Quando a nuvem se dissipou, nem um só dos animais estava vivo. A própria erva parecia queimada e as pedras pareciam cobertas de uma camada de musgo.

«O meu amigo exultou:
—E agora, senhor-incrédulo, que tem a dizer a isto?

—É colossal! — gritei eu.
E, tirando da carteira os dois mil marcos que acabava de perder, estendi-lhos e disse:

—Você vê algum inconveniente em que eu vá buscar, como recordação d'este dia inesquecível (quando todos se tiverem ido embora, bem entendido) um estilhaço daquêles famosos obus?

—Não vejo inconveniente algum. Mas acho mais prudente que vá eu mesmo buscar-lhe a sucata.

«...Três dias depois, eu estava de regresso a Paris, onde entreguei ao meu chefe o relatório referente àquela «sucata».

«Analisado pelo nosso laboratório central, foi apurado que o obus a que pertencia aquêles estilhaços tinha sido carregado com fósforo e cloroformato de tridrometilo — gás sufocante à primeira inspiração.

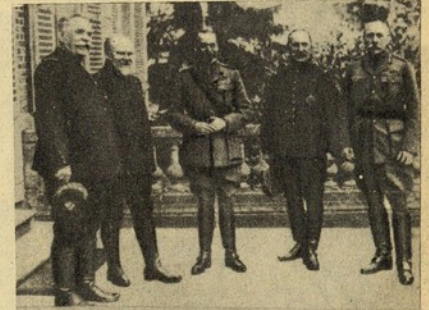
«Não havia para isto senão uma medida possível: a adopção de uma máscara especial. Foi adoptada».

Assim termina o relatório do espião francês. Acrescentemos que, se alguns meses mais tarde, a aparição dos gases nos campos de batalha da França produziu tão cruéis e devastadores efeitos entre os soldados aliados, esse facto deve ser atribuído não à ignorância que os comandos aliados tivessem a respeito da nova arma, mas sim ao cepticismo com que foram acolhidas as instantes advertências dos seus Serviços Secretos. Tal qual como o Estado-Maior alemão deveria também — referir-nos-emos a isso oportunamente. negar crédito aos relatórios dos seus agentes que o advertiam da construção de «tanks» feita pelos ingleses, assim os Estados-Maiors Aliados não admitiam seriamente que o

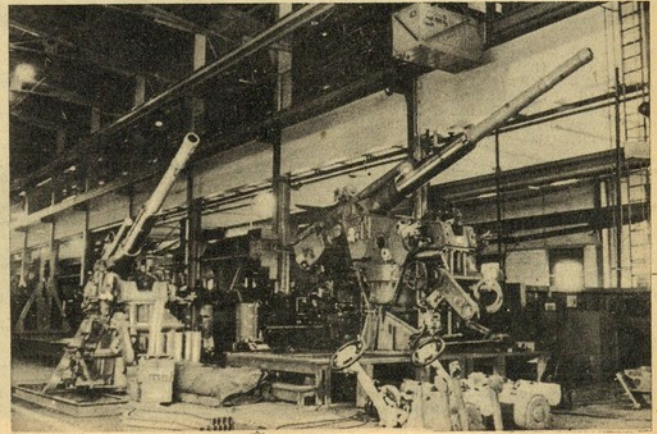
seu adversário pudesse recorrer a um processo que elles julgavam impraticável em consequência da sua reversibilidade, quere dizer, pelo perigo a que esse processo expunha os próprios que dele tentassem servir-se.

(*) «La chane aux espions» — (Payot, Paris).

A seguir: «ARMAS SECRETAS»



Foi Joffre quem disse: O relatório oportuno de um espião pesa por vezes mais na decisão de uma batalha do que a bravura de um corpo de exércitos». Vêmo-lo, aqui, com o Presidente Poincaré, George V, general Foch e sir Douglas Haig, no quartel general de Baugesne, em 12 de Agosto de 1918.



fantoches!



Não são só as crianças; também os homens de «idade madura» e os velhos gostam dos fantoches...

Este é um fantoche de luxo — o boneco de um ventriloquo célebre. Mas o seu prestígio nem por isso é maior, e pode até afirmar-se que a «popularidade» dos nossos «Robertos» o bateria em absoluto em quaisquer eleições...

A ALEGRIA E O PITORESCO LISBOETA NESTES PRIMEIROS DIAS DE PRIMAVERA

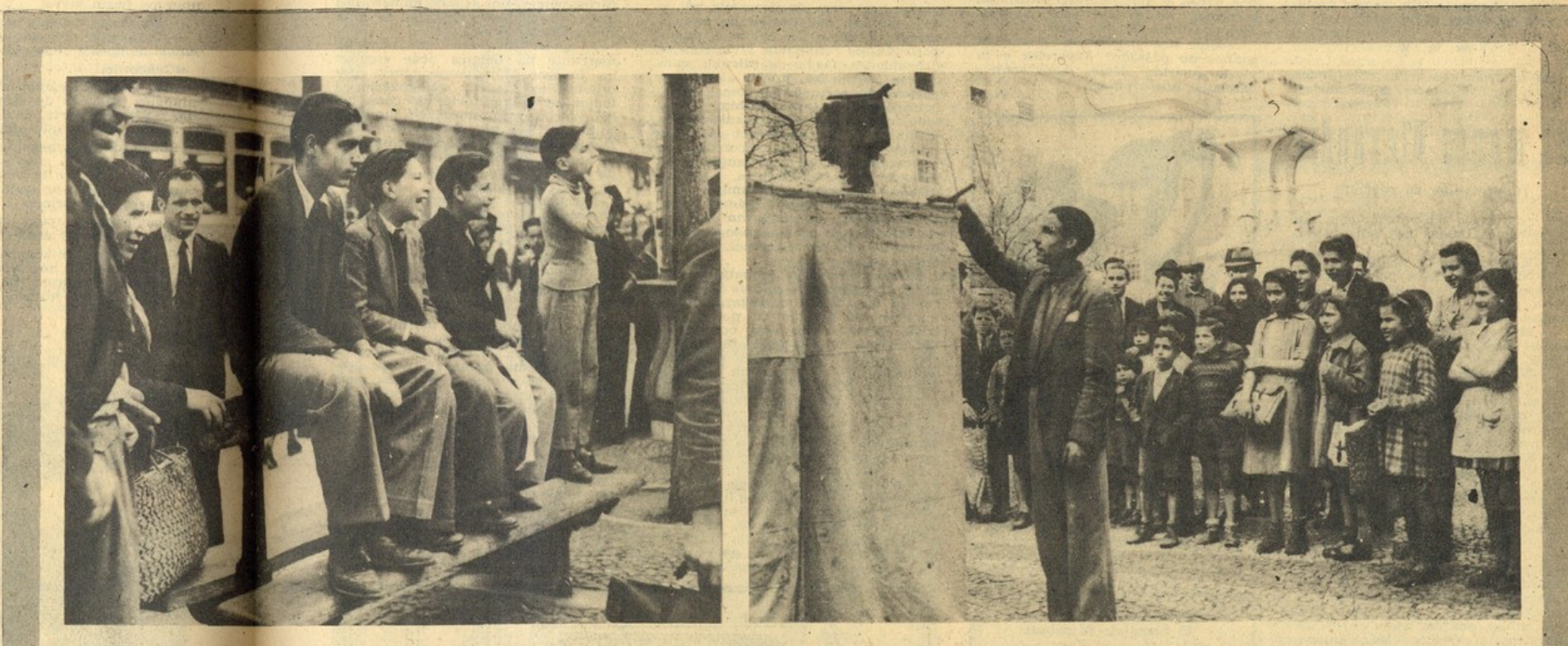


COM o desaparecimento do Inverno e da chuva, estes dias luminosos de Lisboa fizeram ressuscitar uma indústria das ruas — a dos fantoches, dos célebres «Robertos». E é frequente topar-se, em jardim ou praça alfacinha, com um grupo mais ou menos numeroso de pessoas de todas as idades, assistindo, com delícia ou desprazer — mas assistindo... — a essas sessões ambulantes de funâmbulos, miniaturas de circo e tentativas de graciosidade...

Serôdio aqui nos dá algumas dessas cenas de rua, tão pitorescas e mais: tão lisboetas...



Faram todas. Os que não têm nada que fazer e os que se dirigem para o trabalho. Este arranjou um suporte original para os sacos que o patrão mandou entregar a um colega... É caso para perguntar se os «Robertos» não são causadores dos demoras frequentemente verificadas nos recados.



Há os que gostam francamente, e riem, um riso largo e alegre; e há também os que são já «uns homenzinhos» e acham bem aquele ar enfadado de superioridade...

Crianças e, atrás delas, adultos, esperam atentamente a competição que vai começar entre os dois fantoches — sorrindo ainda do muito que viram com o «acto» anterior...

O SOLAR DE S. SILVESTRE

(Continuação da pág. 6)

pertence. Porque Jean-Marie senta-se bruscamente no lugar reservado ao amor ausente e lendário.

— Vejo que ninguém me ouviu! Agnés, pálida, engueu-se, enquanto todas as cabeças se voltavam para a porta, onde Hervé tinha aparecido, enorme, moreno, envolto numa capa. Agnés dirigiu-se para a porta e saiu. Hervé, sem uma palavra, seguiu-a. Alexis e o pai continuaram a refeição sem comentários.

Jean-Marie, num paroxismo de enervamento, exclamou:

— Mas o que queres dizer isto? Ninguém lhe respondeu. E, então, diante da mudez dos restantes convivas, precipitou-se para uma porta... — Através dos corredores sombrios, Jean-Marie de Saint-Luc procurava o seu caminho. Precisava de encontrar a cocheira e continuar viagem. Não queria ficar ali nem mais um momento. Mas uma voz chegava nitidamente aos seus ouvidos:

— Vós sois severo para comigo, eu que esperel tanto tempo, eu que nunca deixei de vos amar...

Jean-Marie reconheceu a voz de Agnés. Entrou no parque, abrindo o andamento da carruagem, apeou-se e abriu a portinhola...

— Ninguém lá dentro! Tiém Jean-Marie sonhado? Esfregou os olhos, precisava de ver melhor... Estava coberto de poeira, a carruagem estava coberta de lama, dentro havia uma «echarpe» de mulher. Não tinha, portanto, sonhado. Saíra com Agnés. Viria-a durante a viagem...

O conde Jean-Marie de Saint-Luc não quere fazer mais perguntas. Nada tem que interrogar-se, ele sabe, éde compreende tudo. Agnés partiu, foi em procura de Hervé. Mas, agora que também ela teve forças para vencer a floresta, há-de parecer-lhe mais fácil um reencontro, uma reconciliação... Entretanto, Jean-Marie esperará as desluzes de Agnés...

Passaram já cinco anos. Ela não veio. O pesadelo continua... Mas a noite de S. Silvestre voltou... As doze badaladas da meia-noite soam e o melhor dos seus sonhos realiza-se: a jovem loira regressa... É Agnés, tal qual a vira naquela outra noite, num castelo perdido na floresta? Ele não pode acreditar. Acaricia-lhe a longa cabeleira, olha-lhe os olhos lindos, azues. E ainda a mesma formosa princesa, saída dos seus sonhos. Aperta-a mais nos braços...

— Que nos podem interessar os sonhos do passado? Esperel-te e tu vistes, querida. Dêsses maus sonhos nasceu o nosso amor...



FIXINA
O fixador decabelo das pessoas distintas

A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA» 1944.

Boldo maior, 15800
Boldo menor, 10800

Vende-se nas boas drogarias, barbearias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudi — Rua S.º Idefonso, 29, Pórtó — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., Ltd. — Rua dos Fanqueiros, 135-3.º, Dt. — Telef. 4 3582.

O Livro do Momento
A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA
Por RAFAEL MARÇAL

É NA CASA REGIONAL DA



QUE SE ENCONTRAM OS MAIS LINDOS E ARTÍSTICOS BORDADOS
RUA PAIVA ANDRADE, 4 (AO CHIADO) — LISBOA — TEL. 25974

NO SEU LAR
NO SEU ESCRITÓRIO
NO SEU ESTABELECIMENTO
USE SEMPRE A LÂMPADA DA INDÚSTRIA NACIONAL **LUMIAR**
Duração-economia

História da Guerra

(Continuação da pág. 15)

a produção de ouro, era entregue ao governo britânico (depois de deduzidas naturalmente as despesas a fazer com o governo belga e com o governo geral do Congo) contra a entrega de libras esterlinas. Esta troca foi devidamente regulada por um convénio celebrado entre os dois governos, o qual durou enquanto o governo belga teve que permanecer no exílio. Este acórdio incluía, igualmente, a utilização de todas as divisas provenientes de quaisquer actividades belgas no estrangeiro.

A invasão da Bélgica e, mais tarde, a derrota da França, provocaram um largo movimento emigratório de belgas para Inglaterra. Logo em 1940 se calculava o número de refugiados em cerca de dezasseis mil, e este número não deixou de aumentar depois disso. De início, a maior parte desses refugiados vivia com as dificuldades, fáceis de calcular num que se seguiu às vitórias alemãs no período de perturbação como aquél ocidente. Mais tarde, porém, a sua vida foi regularizada. As autoridades britânicas encarregaram-se de lhes prestar os primeiros socorros, por intermédio dos seus organismos de assistência e beneficência, especialmente o «Emergency Committee». Foram muitas as pessoas generosas que em Inglaterra se ocuparam dos refugiados belgas acarinhando-os numa hora de indisciplinável tristeza e desalento.

Sucessivamente, a embaixada belga em Londres e a colónia belga na capital britânica encarregaram-se de minorar, na medida do possível, a triste situação dos seus compatriotas. Graças a uma série de sacrifícios pessoais, feitos sem nenhuma distinção de categoria ou situação social, foi possível recolher, rapidamente, uma soma elevada, mais de vinte cinco milhões de francos, que constituiu o primeiro fundo para a manutenção dos refugiados belgas na capital britânica. Esta soma foi, em grande parte, o produto de subscrições abertas, sobretudo, entre a população branca do Congo belga. Das somas que, posteriormente, vieram a ser recolhidas com o mesmo fim, nem todas foram consumidas pelos refugiados belgas no estrangeiro. Uma

parte delas foi dedicada a minorar a sorte dos prisioneiros de guerra belgas que se encontravam na Alemanha.

A mão de obra belga e a marinha mercante

A participação da mão de obra belga no esforço de guerra da Grã-Bretanha começou a tornar-se valiosa, a partir de 1941, quando foi possível regularizar a situação de um grande número de refugiados belgas que se haviam acolhido ao território britânico. Nas fábricas de munições trabalharam muitos milhares de operários belgas, um grande número dos quais eram especializados de alta competência técnica.

A quasi totalidade da marinha mercante da Bélgica pôde escapar ao invasor. Em consequência das ordens recebidas do seu governo, a maior parte dos navios de comércio belgas concentraram-se, em junho e julho de 1940, nos portos britânicos. Desde essa data que foram colocados ao serviço do esforço de guerra aliado e de maneira especial ao esforço de guerra britânico.

Por mais de uma vez, no decurso de três anos, o Almirantado de Londres teve ocasião de manifestar a satisfação provocada pelo concurso activo que a marinha mercante belga trouxe para o abastecimento das ilhas britânicas. Por ocasião do aniversário da batalha de Trafalgar, o Primeiro Lord do Almirantado, Alexander, afirmou que a marinha mercante da Bélgica «se comportara admiravelmente em todas as circunstâncias, mesmo as mais difíceis, provocadas pela guerra e pelas suas exigências cada vez maiores».

A marinha mercante belga participou na evacuação de Dunkerque e durante a batalha do Atlântico pagou um tributo pesado, sobretudo se tivermos em conta a sua verdadeira importância em relação ao resto das marinhas de comércio aliadas. Para compensar uma parte das perdas sofridas o governo belga mandou construir algumas novas unidades.

(Continua)



PASTA ANTISÉPTICA
Sanex
ANTISÉPTICA

Os manos Alexandre

(Continuação da pág. 17)

cas, que tantas são aquelas com que trabalhamos, nunca nos falta microfone...

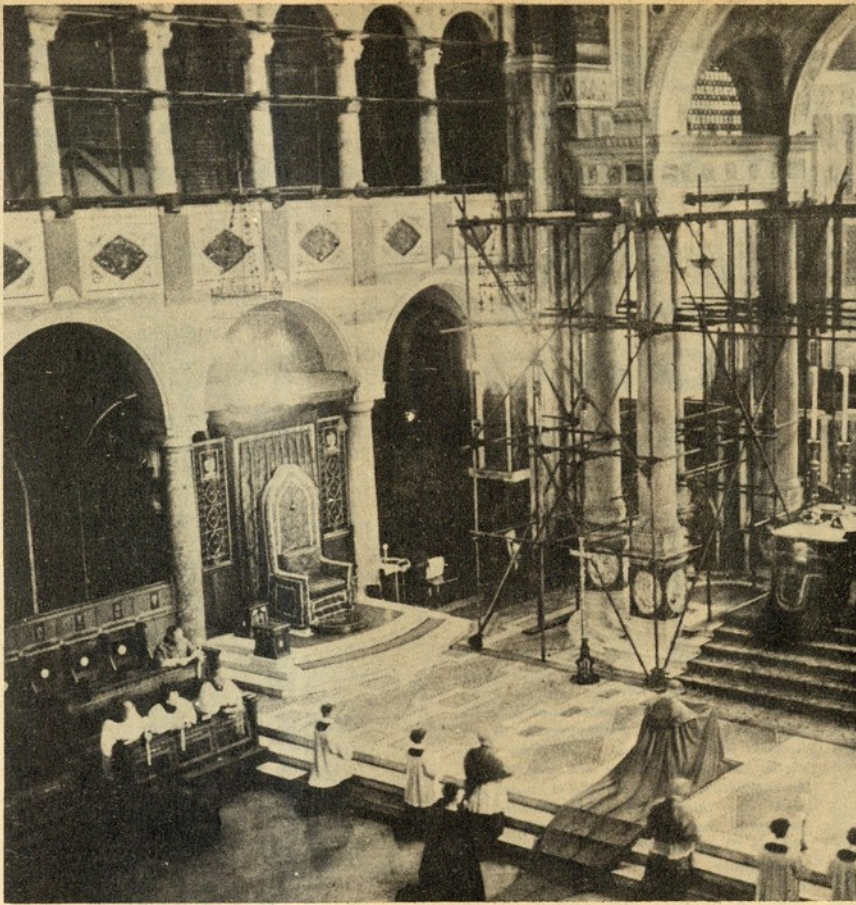
— E a respeito de projectos? — Não há como o portuguêsinho para os inventar... Nós já andamos cá a pensar que dentro de pouco tempo, vamos entrar num filme... — Mas se o pensam é porque têm razões para o pensar... Ora vamos a saber...

— Não, a esse respeito é que nós não dizemos nada! — juram os dois de mão estendida. — Temos razões mas, por enquanto, são nossas e do realizador que nos convidou a prestar provas!

— Vamos a outros projectos... — Uma viagem, com um contrato, até à América do Norte! Os palcos de «music-hall», a câmara cinematográfica... Tudo isso nos tenta. E olhe que estamos a tratar da viagem. Não falta, mesmo, quem, nas altas esferas diplomáticas se interesse pelo assunto. Temo-nos exibido perante muitos estrangeiros que não se poupam a aplausos e a manifestações de apreço... Olhe, quere ver?

E ambos nos estendem cartas expressivas. Lêmo-las. Mas, quando chega à altura de ver a assinatura — as cartas são escamoteadas, com a arte com que os «Manos Alexandre» escamoteiam a harmónica — Isto só se pode dizer por música!

E, como numa boa cena dos «Irmãos Marx» — partem a entoar o hino americano...



10 de Maio de 1944. Em Westminster, celebra-se, com missa de requiem, a invasão da Bélgica e do Luxemburgo

R

REFERIMOS-NOS, no último número, à participação activa das forças coloniais belgas na campanha da Abissínia e às dificuldades de toda a ordem, que essa campanha oferecia. Os belgas, com a sua reconhecida aptidão para as artes da guerra colonial e da colonização, conseguiram, porém, dominar todas essas dificuldades. Foram as suas forças que cercaram, numa verdadeira bolsa, as forças

italianas que recuavam da Abissínia central, perseguidas pelos ingleses, fazendo milhares de prisioneiros. Esse cerco representou o último acto da resistência italiana na Etiópia.

As tropas coloniais belgas distinguiram-se ainda, de maneira especial na batalha de Asosa, que caiu em seu poder depois de uma luta muito violenta em que a infantaria belga enfrentou valentemente as formações de carros italianos. Nessa ocasião o

general Wavell exprimiu o seu reconhecimento caloroso pela bravura de que os belgas haviam dado provas ao longo de toda a campanha. Pouco tempo depois, as mesmas forças belgas, em colaboração estreita com uma força britânica, tomaram a importante posição fortificada de Gambela onde os italianos se haviam entrenchado fortemente, decididos a oferecer uma resistência tenaz ao ataque dos aliados. Com a conquista, posteriormente realizada também pelas tropas coloniais belgas, de Sato, toda a resistência italiana na província de Galla-Sidamo caiu e com ela terminou, praticamente, a campanha da Abissínia que se revelou de uma importância vital para a realização da estratégia aliada na zona do Mediterrâneo, no continente africano e em Itália.

Depois de violentos combates, o general italiano que comandava as forças de Galla-Sidamo foi obrigado a capitular, com todas as tropas que se encontravam ao sul do Nilo Azul. Com ele renderam-se mais dois generais italianos, muitas centenas de oficiais e mais de quatro mil soldados brancos e onze mil soldados indígenas. Estas vitórias das tropas coloniais belgas foram, em tudo, dignas daquelas que, na primeira guerra mundial, os belgas alcançaram sobre os alemães em África, especialmente em Tabora e no Kénia.

HISTÓRIA da nova GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXVI PAÍSES OCUPADOS—BÉLGICA

Contribuição financeira e económica

A contribuição financeira e económica dada, tanto pela Bélgica como pelo Congo Belga, ao esforço de guerra dos Aliados foi muito apreciável. Por subscrição pública reuniu-se no Congo belga uma quantia superior a doze milhões de francos. Esta soma foi entregue em janeiro de 1942, pelo governador geral do Congo ao cônsul geral da Grã-Bretanha em Leopoldville para ser exclusivamente destinada à R. A. F. O governo britânico consagrou-a à compra de «Spitfires» que, durante as hostilidades na Europa, foram sempre pilotados por aviadores belgas. Estes aviões foram baptizados com os nomes das províncias e das cidades do Congo.

Desde o dia 10 de maio de 1940, data da invasão do país, que o Banco Nacional da Bélgica tomara as precauções necessárias para impedir que o seu encaixe ouro caísse nas mãos dos alemães. Quando, em 22 de junho daquele ano foi assinado o armistício entre a França e a Alemanha, aquele encaixe ouro encontrava-se na sua quasi totalidade, repartido pela Grã-Bretanha, pelos Estados Unidos e pela África do Sul. O seu valor era calculado em mais de oitocentos milhões de dólares (duzentos milhões de libras). A parte que se encontrava, nessa altura, em território francês foi entregue pelo governo de Vichy às autoridades de ocupação o que determinou um protesto imediato do governo belga de Londres. De acordo com os pedidos deste governo, a Tesouraria dos Estados Unidos determinou que nos depósitos que a França tinha naquêle país fossem abitadas as importâncias correspondentes às entregas feitas pelo governo de Vichy e transferidas para a Bélgica. Esta medida de emergência foi mais tarde sancionada pelos tribunais norte-americanos, encarregados de apreciar a reclamação belga.

Durante a sua permanência prolongada no exílio, foi com esses recursos que o governo pôde fazer face às exigências do seu orçamento, avallado anualmente em cerca de dez milhões de libras. Nesta importância estavam incluídas todas as despesas feitas com a manutenção daquele governo e com o auxílio ao movimento de resistência.

O problema dos refugiados

Além do encaixe ouro do Banco Nacional da Bélgica, o governo belga de Londres pôde utilizar os recursos que resultavam da exploração, cada vez mais activa, das riquezas do Congo belga e especialmente do seu ouro e produtos mineiros. Uma grande parte dessa produção, especialmente

(Continua na pág. 44)



Os soldados belgas, enquanto combatiam com o lar ocupado, iam aprendendo inglês...



Vista aérea do porto de Antuérpia — tomado aos ocupantes pelas tropas de Scheldt.

CAIÇADA DA GLÓRIA

RIR, RIR, RIR



Num dos últimos números do «Globo», o sr. Luis Pacheco, que não temos o prazer de conhecer, referi-se amavelmente, num artigo Humorismo e Humoristas, a esta «Caiçada» e ao seu humilde autor. Daqui lho agradecemos. Há nesse artigo uma passagem a que não queremos deixar de aludir: aquela em que o articulista afirma que os males de que este século enferma têm vindo a podar muitas das suas virtudes que possuía o homem do século passado. Uma delas era esta coisa simples: Rir. Hoje, na verdade, ri-se — mas não se ri, em regra, saudavelmente. O riso é forçado e contrafeito. Porque se não lança a ideia dum grande casa de saúde para os que riem doentamente?



SAIAS CURTAS

As saias das senhoras estão cada vez a subir mais. No prego? Sem dúvida. Mas, não só no prego, também na altura. É incontestável que a saia curta dá à mulher um ar de leveza, de mocidade e de desenvoltura bastante apreciável. Só tem um inconveniente: o revelar em demasia as pernas que tud' aconselhava a esconder, isto é, as pernas que não são bem feitas. Há, entretanto, mulheres que, não obstante usá-las, detestam as saias curtas — porque as não podem arrigar...

O VELHO BEBÊ

Em Sudney aconteceu agora um caso estranho. Começaram as pessoas a reparar que certo sujeito quanto mais envelhecia — mais novo ficava. O cabelo branco tase-lhe tornando preto; andava com dificuldade, mas pouco a pouco foi melhorando; não via sem óculos, deixou de usar óculos. O sujeito, interrogado, explicou: — Estou assim graças às injeções de hormonas. E espero viver até aos 150 anos...

Pelo caminho que as coisas leam, não duvidamos. Podemos, em todo o caso, perguntar: quem aturará este «bebê» quando ele tiver século e meio?

OLIVEIRA MARTINS INTIMO



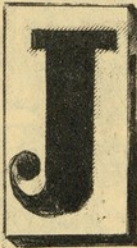
Francisco de Assis de Oliveira Martins que ao culto de seu tio, o grande escritor dos «Filhos de D. João I», dedica um culto devotado, revela-nos num volume recente, «O socialismo na Monarquia», (obra curiosíssima pelas novidades que nos dá), alguns aspectos de Oliveira Martins íntimo — sobretudo de Oliveira Martins já «vencido-da-vida». Ficámos sabendo que o historiador que, noutro tempo, trajava simplesmente, quasi rudemente, usava agora gravatas que Carlos Mayer lhe trazia de Londres; que apreciava os bons charutos; que a sua bebida predilecta era o vinho do Pórt; que floria a sua botecira de rosas como um príncipe. Requentara-se. Freqüentava a sociedade. E — vamos lá esta nota também inédita, que nos revelou um dia António Cândido — comprazia-se em ouvir e contar anedotas, e estimava, sobretudo, as que metiam frades e padres...

TOIROS E LETRAS

Sabíamos que Jaime Saraiva Lima era um homem capaz do inverosímil. Mas a tanto, não... Acaba de sair um volume da sua autoria. Chama-se «Da barreira»... Assunto: «Crônicas tauromáquicas». Os aficionados devem devorá-lo — como boa literatura da especialidade. Mas o que há de fenomenal neste volume é o prefácio arrancado alegremente a um professor da Universidade, catedrático de letras, homem de biblioteca, e que nunca na sua vida assistiu a uma tourada: o dr. Vieira de Almeida. Desta, só o Jaime Saraiva Lima se lembrou? Deve notar-se que o prefácio é uma agradável página, mas é dá-me ensino a admitir, por antítese, o João Nâncio ou o José Casimiro a dissertarem em breve na Faculdade de Letras sobre Filologia ou História da Literatura...



ÊSTE JOÃO



JOÃO Ortigão Ramos, filho de António Ramos, neto de Ramalho Ortigão — levar-nos-ia longe se desbravássemos a sua árvore genealógica — pertence a uma família em que o espírito anda de braço dado com o cavalheirismo. Quem sai aos seus, não degenera, e João Ramos conserva-se,

socialmente, puro. Distinto, afável, comunicativo, ao mesmo tempo com o ar de diplomata em férias e a expressão de milionário em actividade, êste João (que ainda não apurámos se era Baptista, se Evangelista), viu-se erguido à maior vaidade que pode aspirar um homem: ser preceptor dum santo. Na verdade, João Ramos é, de há muito, o preceptor do «São Luís». E caso para lhe darmos os mais efusivos parabéns, e se não nós atrevemos a pedir-lhe uma «borla» no céu, daqui lhe pedimos por alma dos nossos pecados, uma apresentação para o santo mais santo e mais cinéfilo de toda a Cristandade...



A NEURASTENIA DO «BORDA D'ÁGUA»



ENCONTREI ontem, ao descer a Avenida, o meu velho amigo Borda d'Água. Não o via desde Janeiro em que ele me apareceu, solícito, trazendo-me o seu relatório para o ano corrente. Conhecemo-nos, há quarenta anos. Somos, por consequência, velhos amigos. Mas — caso curioso — enquanto a mim me têm nascido muitos cabelos brancos e me têm caído muitas ilusões, ele conservou-se até agora, inalterável e falcante, com a sua cabeleira de astrólogo superiormente preta, o seu fraque bem modulado, o seu óculo solícito e reluzente, e aquêle ar risonho, filosófico e bonacheirão, que foi sempre para nós um dos traços decisivos da sua personalidade. Ora dissemos que inalterável e falcante ele se tinha conservado até agora, e dissemos até agora porque, de facto, no nosso encontro de ontem o estranhámos. Achámo-lo triste, cabisbaixo, pálido, o fraque com algumas rugas, o óculo embaçado, e pareceu-nos mesmo que alguns cabelos brancos importunavam já a sua farta cabeleira negra.

— O meu nobre amigo que tem? Está doente?
— Não pudemos deixar de perguntar-lhe, ao vê-lo.
— Ando neurastenizadíssimo...
— Mas porque?
— Como quere que não ande? O tempo anda-me a desacreditar o relatório. É uma verdadeira perseguição. Eu anuncio chuva no inverno — e chove no verão; eu digo que as árvores rebentam na primavera — e elas rebentam no outono. E tudo assim... Basta eu dizer uma coisa para o tempo fazer precisamente o contrário. Ora isto é de neurastenizar... Não acha?
— Lá isso é...
— Sabe quantos relatórios já me devolveram de fins de Janeiro por cá? Seis mil.
E depois dum silêncio triste:
— Devolver ainda é o menos porque eles já estavam pagos; o pior é as palavras imundas de que vêm acompanhados... Maldito tempo!
E despediu-se. O «Borda d'Água» não deixa de ter razão, concordemos



CARICATURA DE SANTANA

DURGES VINHETAS DE BORREIA



AQUI A TEMOS INTERESSADA A LER... NÃO SABEM O QUE?...!

AQUI, PÓS UNS ÓCULOS E... PÓS OS OLHOS! «EM BICO»!

QUEM DÁ LUME A CLARA MARIA?

NO TEATRO TAMBÉM SE SOBE DE POSTO POR DISTINÇÃO!

Clara Maria

UMA NOVA ARTISTA QUE SAÍU DA «FILA» DAS CORISTAS



A CLARA MARIA TEM 18 ANOS. PERDEMOS-LHE, POIS, ESTA ACROBACIAS INFANTIS!

NOTAS DE ESTREIA

UM DRAMATURGO NOVO QUE É UM NOVO DRAMATURGO

* Muita gente assinalou o facto de só agora — quando a época está a uns dois meses do fim — se ter feito a estreia do primeiro dos três originais portugueses aprovados pela Comissão de Leitura para o Teatro Nacional: «Saldo de fim de estação...» — vimos algures. Tivemos, agora, «Casa de pais...», de Francisco Ventura, falta-nos ver ainda os outros dois originais escolhidos, de Olga Alves Guerra e Teresa Leão de Barros. Quando será que as nossas empresas passam a tratar os originais portugueses sem o ar enfático de quem trata... parentes pobres?

POEIRA DO PALCO

*** Segundo consta nos nossos meos teatrais, vamos ter, este ano, um original de mestre Schwalbach, representado, em estreia de grande gala, num dos nossos melhores teatros de declamação.

**** A peça que actualmente está em cena no Nacional, deve seguir-se uma reposição, subindo depois à cena «Zilda», com Madalena Sotto na protagonista, e em homenagem ao seu autor, Alfredo Cortés.

*** Dois jornalistas e autores representados, estão a escrever uma comédia destinada à companhia Maria Matos, para ser representada na próxima época.

*** Diz-se que o actor Alves da Cunha ainda este ano fará a sua festa artística no Nacional.

* O drama de Francisco Ventura é um esboço de paixões daninhas. O frémito da tragédia resulta, naturalmente, das veemências mais fortes, mas o ambiente, excessivamente sombrio, parece reflectir certa morbidez a que o optimismo final dá manifesto carácter de artificial. De um modo ou de outro — há que reconhecer certa pujança no enunciar da tragédia e excelente vigor de diálogo. Para quem começa — eis duas qualidades que são, só por si, um grito triunfal.

* Interpretação cuidada mas longe da melhor escolha. O elenco do Nacional permitia, manifestamente, distribuição mais apropriada. Mas todos fizeram o que estava na sua medida e no seu temperamento. Anotem-se: a correcção de Samvel, mas sem o à-vontade que o artista pode, por outros trabalhos; a propriedade de Clementina, a adaptação compreensiva de Adelina Campos e a presença fácil de Raúl Carvalho e Luís Filipe.

* A composição da cena deixou bastante a desejar: género Parque Mayer, o que, para o palco oficial, parece realmente ser muito pouco.

* Em fim de festa, um actozinho de Carlos Selvagem, que serviu para fazer entrar em cena Palmira Bastos. A respeito de Madalena Sotto escreveu-se algures que «a sua intervenção fêz desejar vê-la numa criação ajustada à sua índole, que o seu talento e o seu trabalho merecem e que ainda não teve oportunidade de assinalar esta época». Santo Deus! Depois de ter tido as figuras principais de «O legue» e de «Othello» — não sabemos que mais se pode desejar para a simpática actriz!

ESPECTADOR

A O contrário de muitas, de quasi todas as suas colegas, que se contentam em viver a sua vida agitada e trabalhosa de girls de revista, esta Clara Maria tinha ambições. E sempre, em cada peça que se escaudava, pedia, anseava aquilo a que chamava um pequeno papel — às vezes daquelles em que se entra muda e sai calada... — contanto que entrasse só, pelo palco dentro... E, mesmo que nada dissesse, pisava com naturalidade, enfrentava a platéia com invulgar à-vontade. Mas — evidentemente que os papéis não são para as girls. E só o acaso, que tanto manda nestas coisas, poderia dar à rapariga ocasião para se evidenciar. Entretanto, o empresário e realizador Rosa Mateus, sabia que, pelo menos, estava ali uma rapariga cheia de vontade de ser alguém...

Um dia, a Clara Maria teve a sua oportunidade: — a partir para a provincia a tournée que levava as peças Zé do Telhado e De Fóra dos Eiros e faltava uma discipula. E folia a escolhida para preencher a vaga.

Andou pela provincia com a Com-

panhia, interpretou pequenos papéis em que já dizia alguma coisa e, entretanto, foi ganhando prática — o que, nestas coisas do Teatro, não é facto para se desprezar...

E, no regresso da Companhia, verificados os seus progressos durante a tournée, a antiga girl entrou na reposição da revista De Fóra dos Eiros, mas já interpretando os seus números, e cantando sozinho, como ambicionava, à frente do grupo das girls, de que faz parte!

Evidentemente que a Clara Maria, apesar das suas indiscutíveis qualidades, não é ainda uma actriz. E, sim, uma discipula com jeito e força de vontade e o pouco que conseguiu — sem pedidos, sem padrinhos, sem favoritismos — já é muito.

E como são raras, no nosso Teatro ligeiro, estas promoções por distinção ao posto imediato, aqui queremos registar o pequeno acontecimento — que para Clara Maria é, sem dúvida, um grande acontecimento, aplaudindo Rosa Mateus por esta oportunidade que lhe deu — e pelas muitas oportunidades que virá a dar a outras raparigas como ela — se Deus lhe der vida, saúde — e paciência para aturar as girls...

O HOMEM DO FOCO

Rádio

Os manos Alexandre querem ir para a América com as suas 80 gaitas e vão fazer uma fita...



U M é mais alto, e outro é mais pequeno. Um chama-se Alexandre Afonso; o outro Fernando Santos. Um é empregado no comércio, o outro trabalha na Companhia dos Telefones...

leito a quem e que fala primeiro. Mas isso sim, eles falam ao mesmo tempo... O Alexandre propriamente dito, que deve ser o mais representativo dos «Manos», porquanto é o mais alto e deu o nome ao «grupo», explica então:

— Gostamos muito de trabalhar, na Rádio. Durante muito tempo, tomámos parte nas emissões das Variedades. E não lhes dizemos nada, do que nós fazíamos nos serões para trabalhadores!

— E agora, já não trabalham na Emissora? — Não sabemos porque, mas a verdade é que não trabalhamos. E olhe que, para «Serões», a nossa presença tem sido expressamente solicitada... — Bem, mas têm outros postos... — Em todos temos trabalhado. Graças às nossas oitenta harmóni-

(Continua na pág. 14)

«LUC» NA RÁDIO
As sextas-feiras, às 20 horas estará no ar, ao microfone de Rádio Clube Português o Cocktail «LUC». Ouça através da Rádio NOVIDADES «LUC».

António Vilar

(continuação da pág. 19)

— E depois?
 — Não será preciso. Bem vê: há a crítica, o público...
 — E sobre o mundo cinematográfico madrileno, também não diz nada?
 — Digo! Digo maravilhas!... — e os olhos de António Vilar brilharam de entusiasmo. — Digo-lhe, em especial, que os espanhóis fazem do cinema uma profissão, tal como os americanos, os alemães e os franceses. E trata-se de um profissionalismo a sério, com categorias claramente marcadas, com instalações modelares, com os objectivos de uma indústria onde só é improvisado o que deve improvisar-se, isto é, quasi nada. Tudo funciona dentro de uma estrita disciplina, num quadro claro de atribuições e direitos, de obrigações e privilégios.
 — E as instalações?
 — Modelares! Do melhor que há como higiene, como adaptação ao fim a que se destinam, como compreensão dos mínimos pormenores, como maquinaria e condições técnicas...
 — Portanto, um nível superior ao cinema nacional...
 António Vilar abre mais ainda os olhos, e quasi grita:
 — Superior!? Mas, infinitamente superior! Digo-lhe mais: a «Inês de Castro», se tivesse sido filmada cá, nunca poderia ter alcançado a categoria que tem. Não temos quasi nada de tudo o que foi imprescindível para conseguir a «classe» daquele filme.

E António Vilar conversou animadamente, entrando em pormenores de grande interesse, mas dizendo-nos de momento a momento:

— Isto não é para o jornalista, é para o amigo...

As coisas que António Vilar nos contou são verdadeiramente extraordinárias. Pena é que, em obediência à palavra dada, não as possamos transmitir aos nossos leitores. De resto, António Vilar, com o que nos disse, sugeriu-nos uma ideia. Pô-las em prática, e os nossos leitores não ficarão a perder...

Até lá, porém, vão-se preparando para a próxima estreia de «Inês de Castro», que sabemos ser um filme superior, que fez brilhar em Madrid a inteligência de Leitão de Barros e o talento do primeiro galá do nosso cinema — António Vilar.

A terminar, perguntámos:
 — Acha que o filme estrangeiro em Portugal deve ser «dobrado»?

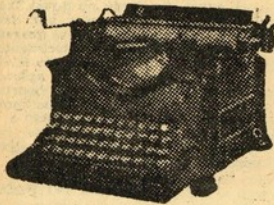
— Não. Mil vezes não! Não ficará nem estrangeiro, nem português, um filme «dobrado». Tudo ficaria errado, desde a mímica da pronúncia inglesa, ou francesa, ou alemã, até ao equilíbrio da tradução, que teria de ser feita com frases que tivessem exactamente o mesmo número de palavras, e as mesmas pausas. Nem pensar nisso!

E, olhando o relógio, o actor despediu-se apressadamente:

— Tenho seis minutos para apanhar o comboio... Mas não faça entrevista, não?... O que lhe disse, se quiser, aproveite para um artigo; mas não faça entrevista, peço-lhe...

— Está bem. Não faremos entrevista... — prometemos sem hesitar.

M. L.



A. C. Cardoso

Reconstruções e reparações em máquinas de escrever e calcular

ORÇAMENTOS GRÁTIS

COMPRA, VENDE E TROCA
 RUA ANTÓNIO PEDRO 24, 3.ª-Dir.

TELEFONE 52458

Básculas Suecas

STATHMOS



COMPLETAMENTE AUTOMÁTICAS, PESANDO INTEIRAMENTE SEM AUXÍLIO DE PESOS, EM MODELOS COM CAPACIDADE DESDE 60 KG. ATÉ 1.500 KG. CONSTRUÇÃO DE ALTA PRECISÃO COM OS MAIS FINOS AÇOS SUECOS.

FABRICADAS E GARANTIDAS POR

Rugin

DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
 RUA DOS FANQUEIROS, 250, 2.ª E. LISBOA



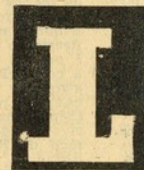
UM ASPECTO DO INTERIOR DO SALÃO DE VENDAS DA NOVA LIVRARIA. ARRUMADA ARTÍSTICA E CUIDADA, INDICE DE BOM GOSTO E MAGNÍFICO CARTAZ PARA SUGESTIONAR O PÚBLICO, ESPECIALMENTE AQUELE QUE ANDA SEMPRE ANSIOSO POR CONHECER E ADQUIRIR AS ÚLTIMAS NOVIDADES LITERÁRIAS.

LISBOA TEM MAIS
 UMA LIVRARIA

EDIÇÕES

UNIVERSO, L. DA

NA RUA DA MISERICÓRDIA
 (AO CHIADO)



ISBOA tem mais uma livraria. Trata-se de um modelar estabelecimento de vendas ao público das melhores obras dos melhores autores, quer estrangeiros, quer nacionais, e cuja inauguração se deve ao espírito empreendedor de «Edições Universo», que assim enriqueceram de forma apreciável o mercado do livro na capital.

O novo estabelecimento é na rua da Misericórdia, 102, a dois passos do Chiado, em pleno coração da cidade; e além de obras literárias de todos os géneros, o público encontrará, à sua disposição, os mais finos e modernos artigos de papelaria. O salão de vendas acha-se sobriamente decorado, formando um conjunto agradável que oferece ao público fácil consulta, facultando-lhe num golpe de vista as melhores livros da actualidade. Esta iniciativa de «Edições Universo» é mais um marco a assinalar a expansão do livro entre nós, pelo que transcende um mero acontecimento comercial.



ANTONIO VILAR OU SIMÃO BOTELHO OU D. PEDRO, O CRU OU

—TUDO O MAIS QUE ÊLE VIER AINDA A SER — DISSE-NOS MUITAS COISAS... DAS QUAIS SÓ ALGUMAS PODEMOS CONTAR AO LEITOR

ESTÁ queimado dos ares do Estoril e não usa ainda o cabelo mais curto, nem menos onde a d o — sosseguem, pois, as meninas que o admiram e anseiam por vélo na sua da figura desse grande amoroso que foi D. Pedro I, rei de Portugal e amante da linda espanhola Inês... Encontrámo-lo por acaso, e perguntámos-lhe se queria dar-nos uma entrevista.

— Dou... Com todo o prazer... Mas...

Notando a hesitação, pedimos-lhe que a esclarecesse francamente.

— É que, há tempos, um «magazine» publicou uma prosa segundo a qual eu teria dito numa roda de amigos que a «Barraca», de Madrid, era um restaurante luxuosíssimo e ricamente mobilado. Ora eu não podia nunca ter dito uma coisa dessas, pela simples razão de que estive lá várias vezes, e, portanto, sei muito bem que nesse recinto típico o único luxo é... a conta!

— E deduz, portanto, que concedendo-nos uma entrevista, aparecerão na sua boca declarações que não fez?...
— Não digo tanto; mas da mesma maneira como o caso que referi não tinha importância, poderia ter...

— Mas isso passou-se com a «Vida Mundial Ilustrada»?
— Não. Não foi com essa revista.
— Então... — e sorrimos.

António Vilar, sempre meio desconfiado, parece aceder à entrevista. Antes que se arrependa, arriscamos:

— Ouvimos dizer que vai a África...

— Gostaria imenso de ir. Mas não está nada ainda resolvido definitivamente a esse respeito. Parece certo que me está destinado um papel na obra cinematográfica que vai extrair-se do livro de Ferreira da Costa, «Na Pista do Marfim e da Morte». Parece igualmente certo que se deslocará a Angola uma equipa para aí fazer filmagens; e eu conto, e desejo ardentemente, fazer parte dessa equipa! Já interpretei no cinema um funcionário colonial, mas ainda não conheço as colónias; e gostaria muito de não fazer este outro papel na mesma ignorância daquele meio...

Reparámos então que o nosso entrevistado tinha sobre a mesa do

«café» onde conversávamos — a inevitável «Brasileira» do Chiado... — três grossos volumes. Deitámos o olho, disfarçadamente, e vemos: «Líricas de Camões». Os outros dois livros eram outras duas preciosidades da bibliografia camoneana. Não conhecíamos em António Vilar aquêl pendor para as fugas de lirismo do nosso épico — e perguntámos:

— Está a ler isso?...
— É verdade. A ler pela primeira vez algumas coisas, e a rereer outras.

Só então se fez luz na nossa estranheza: no dia 20 de Abril começam as filmagens do «Trinca-fortes», película em que António Vilar interpreta a figura magnífica de Luís de Camões, fidalgo, poeta e boémio. O actor compreendeu que finalmente tínhamos acertado, e elucidou:

— Os papéis que reputo de responsabilidade constituem para mim uma autêntica tortura. Não quando os interpreto, mas antes. Já com o «D. Pedro» me sucedeu a mesma coisa: antes de começar a filmar leio tudo quanto encontro sobre a figura, e procuro depois estabelecer uma média entre as figuras diferentes apresentadas pelos diversos autores. Para o meu trabalho na «Inês de Castro» li, desde Fernão Lopes a Afonso Lopes Vieira; e, agora, para o «Trinca-fortes» está a suceder-me a mesma coisa... Além das leituras sirvo-me também da pintura: os quadros e as gravuras da época, enfim, tudo o que possa dar-me o ambiente em que hei-de mover-me, e as atitudes apropriadas a esse ambiente.

— Que me diz sobre a «Inês de Castro»?

— Nada! Não direi uma palavra sobre o filme antes da estreia.

(Continua na pág. 14)

1. António Vilar na sua criação de «Simão Botelho», no filme retirado do célebre romance de Camões.

2. Uma soberba expressão do rei D. Pedro I, por certo a mais feliz interpretação de António Vilar, e que brevemente veremos na película «Inês de Castro».



NA PROVENÇA ETERNA

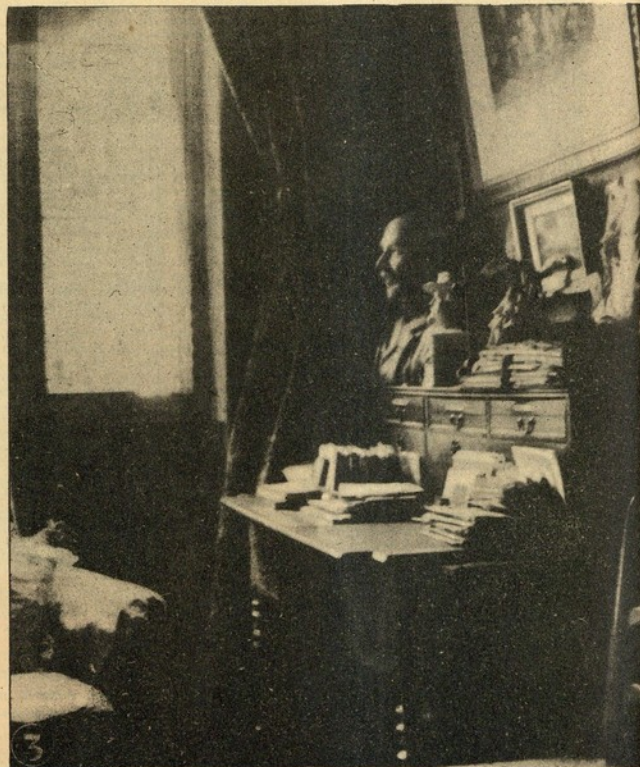
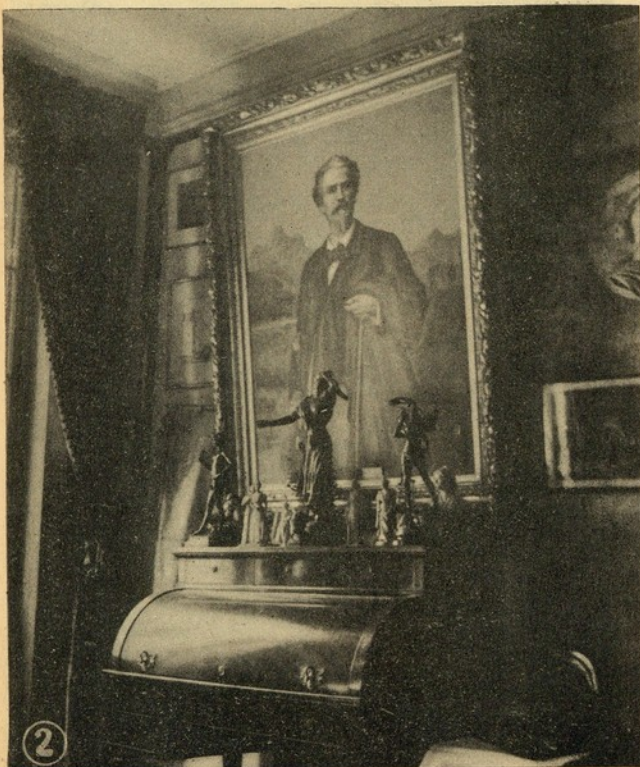
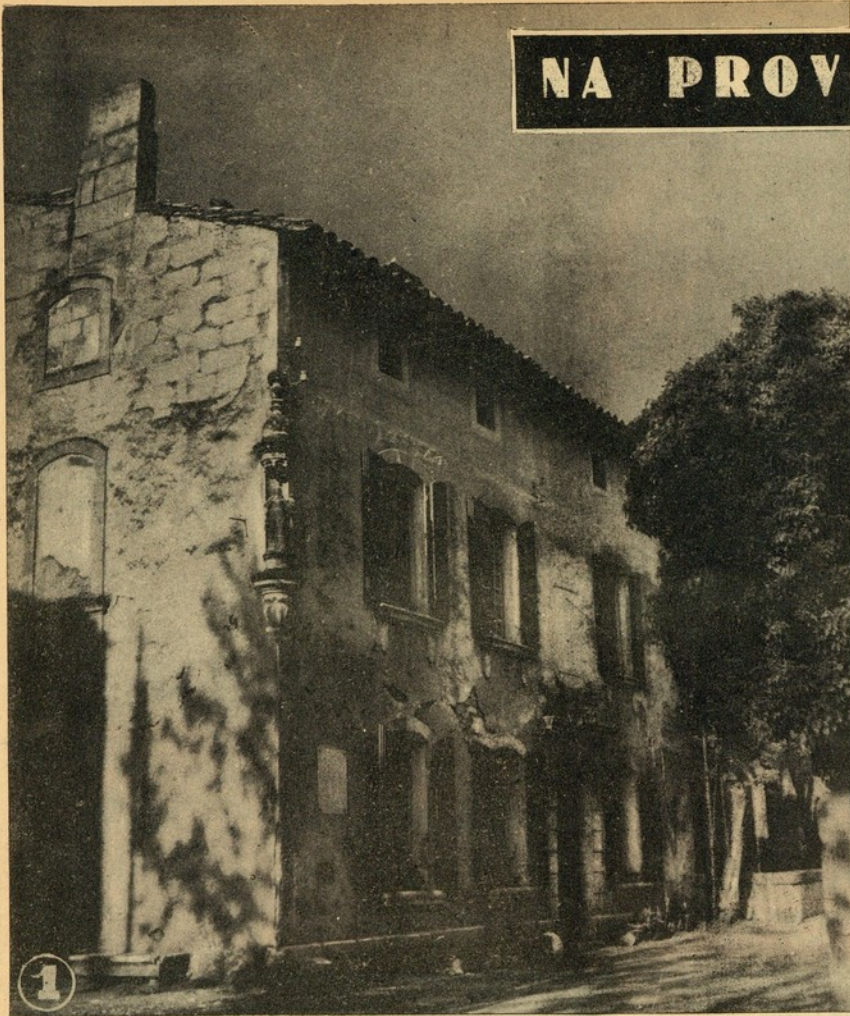
NESTA CASA NASCEU MISTRAL O AUTOR DE ‘‘ MIREILLE ’’

A Provença, pátria de Daudet, foi também a pátria de Mistral, o autor de «Mireille», obra-prima da literatura universal. A sua linguagem era cáustica, feita de pedaços da terra, arrancada ao pequeno mundo da Provença, tão caracterizado, tão diferente de todo o resto da França — sem deixar de ser francês. E, não obstante o hermetismo dessa linguagem — há quem considere o «caso» linguístico uma dificuldade de expansão da obra — Mistral foi compreendido em todo o mundo. Aqui damos alguns motivos que rodearam a vida poética de Mistral — quem sabe se já desaparecidos sob o fragor da metralha...

Na vilazinha de Maillane, sua terra natal, defronte da moradia da senhora Mistral, ficava a «Casa do Lagarto», onde Mistral se instalou, depois da morte do pai.

No grande salão da casa do mestre, pinturas, gravuras e estatuetas evocam a vida admirável de Mistral.

Foi aqui, sentado nesta acanhada escrevaninha, colocada perto da janela, que Mistral escreveu a maioria das suas obras e, entre todas a maior, que foi «Mireille».



FALTA UM VERSO DE

GUERRA JUNQUEIRO

A FILHA DO AUTOR DA "MORTE DE D. JOÃO" NÃO CONSENTE A ALTERAÇÃO DO TEXTO PORQUE NÃO HÁ PROVAS DA AUTENTICIDADE DO VERSO...

cação do tal verso (que interesse tinha meu pai em saber que faltava um verso) esse papel só poderia estar no meu arquivo, eu que fui sempre amador de papéis, manuscritos, originais consagrados, tudo o que despertasse o meu interesse de colecionador...

A sr.^a D. Maria Isabel Mesquita de Carvalho aponta uma passagem da carta: — De meu pai, na biblioteca de Júlio de Vilhena, só existiu a «Oração à Luz» — um livro que desapareceu e a propósito do qual há uma carta, sem importância, de meu pai ao conselheiro, e que está hoje na Academia das Ciências.

— Portanto, Júlio de Vilhena não podia ter dado o verso a Ferreira Lima...

— Só se fosse por brincadeira, sem de modo algum querer cometer a falta de o fazer passar por pertencente a meu pai. Daí, e visto que Vilhena era verzeador — o que raros sabem, de certo — nasceria a confusão...

— E agora?

— Não posso autorizar que a edição seja posta à venda como está, não tanto pela importância do facto, como pelo precedente que se abria. Essa folha deve ser substituída por outra que remeta a obra à forma que lhe deu o autor e que é inviolável. Não faço isto contra ninguém mas apenas a favor de um direito de autor...

— E está tudo investigado?

— Todas as edições estão em meu poder, incluindo a de 1935, que traz a emenda e de que só agora tomei conhecimento, por carta do editor.

E, já a terminar:

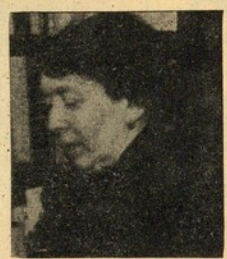
— Falta-me investigar alguns jornais do tempo, mas só por descargo de consciência... Se meu pai tivesse esse verso, tê-lo-ia dado ao editor, a mim própria... Por que o iria dar ao conselheiro Vilhena, que mal conhecia pessoalmente?

FACA DE PAPEL

Metzner Leone, que tem já uma larga bibliografia, e rinhosamente assinalada pelo público e pela crítica, publicou mais um romance. Intitula-se «Aconteceu assim...», e prepara-se para atingir um novo êxito, depois de outros que o precederam. «Aconteceu assim...» é um romance bem escrito e bem observado, com uma acção intensa, em que as figuras, perfeitamente traçadas, se movem com naturalidade, para a construção de um destino lógico e humano. A edição de «Aconteceu assim...» é da Livraria Franco, que apresentou uma sugestiva capa de Lemos.

O sr. Mário Coelho publicou uma novela de aventuras e costumes coloniais que intitulou «A condenada 112». Em «duas palavras ao leitor», o autor diz, entre outras coisas: «Devido ao meu feitio rebelde, fui sempre um desmancha-prazeres». E depois de se apresentar como vítima dos políticos, acrescenta: «Todo o enredo desta novela é produto da minha fantasia, qualquer semelhança que alguém porventura possa encontrar entre os personagens e o entredo destes factos vividos, não passa de simples coincidência; por isso, ninguém poderá dizer que as figuras que deambulam na novela é este ou aquele indivíduo». E, ainda: «Esta novela tem de tudo: amor, paixões, ódios, aventuras, e uma

A MULHER DO DOURO



dCABA de ser posta à venda a 4.^a edição do livro da illustre escritora Emilia de Sousa Costa, «A mulher no Lar». A autora revelou-se de há muito uma mulher moderna, no sentido elevado e inteligente da expressão, a maior parte das vezes desvirtuada, pois serve para rotular umas cabezinhas tontas e vazias, umas manequinhas mais ou menos vistosas que sinceramente acreditam superar todas as dificuldades e sutilezas de ser mulher pela escolha acertada de uma modista ou pela presença em retinões que se convenciam serem elegantes. Afinal, nada disso é moderno, pois desde sempre houve mulherzinhas assim... Ser uma mulher moderna é justamente relegar as frivolidades para o seu devido lugar — mantendo-as, apesar de tudo — e abrir o espírito e a inteligência para às muitas e complexas tarefas femininas que os tempos modernos impõem à mulher. É neste sentido que o livro de Emilia de Sousa Costa a revela uma mulher moderna, e por isso se torna leitura útil e aconselhável para as mulheres de hoje, esclarecendo-as quanto ao papel que devem desempenhar na família e na sociedade.

Tudo o livro, de leitura atraente e proveitosa, encerra uma lição que se recebe quase sem se dar por isso, tão perfeito é o dosamento dos ensinamentos e tão ligeira e elegante a prosa da autora. Pode bem dizer-se que Emilia de Sousa Costa ensina as suas leitoras a usarem convenientemente a sua qualidade de mulheres. E não deve ser estranho à real qualidade e interesse de «A Mulher no Lar» o extraordinário êxito obtido junto do público, pois esta quarta edição marca o décimo milhar de tiragem.

“O prémio literário Douró” uma simpática iniciativa dos norte-nhos

O Pórto, com a sua seiva de cidade sempre jovem, trabalhadora e ordeira, dá-nos mais um exemplo magnífico da sua actividade — que, desta vez, é literário: pelo cofre da Fundação Douró — recentemente organizado — foi criado o Prémio Literário Douró. O sr. Dr. Fernando Vale é um dos organizadores da curiosa iniciativa, onde caberá a criação de prémios de música inspirada na região do Douró, sendo de dez mil escudos a verba já realizada e com destino ao livro que este ano for apresentado, merecedor do galardão e de enaltecimento da região duriense.

Numa entrevista concedida ao jornal *A Tarde*, do Pórto, o sr. Dr. Fernando Vale dá conta de outros pro-

“VAMOS LER...”

*** O próximo romance de Aquilino Ribeiro, que a Bertrand vai editar, é a continuação de um dos seus primeiros romances, «Via Sinuosa».

*** Brevemente, deve aparecer o novo romance de Mota Júnior, «Solteira e Só», editado pela Editorial Enciclopédia.

*** «Calenga e o outro destino» é o título do novo livro de Castro Soromenho e que vai ser editado pela Inquérito.

pósitos da Fundação, Douró — e, geiro dêem a divulgação conveniente obras premiadas, para que no estran-tretanto, salienta a tradução das a uma região tão rica de sugestões artísticas — e tão conhecida pela sua inegalável produção vinícola.

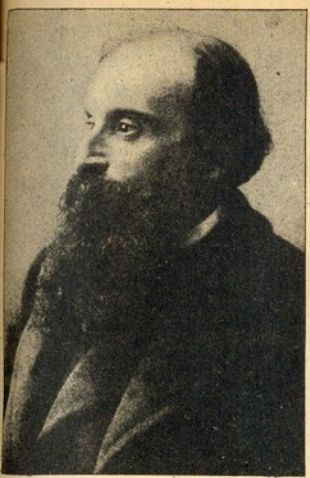
racionalmente toda a família. Sempre, e em especial nos tempos presentes, alimentar uma família é um pesado e delicado encargo; é este livro de Maria Saavedra parece-nos uma valiosa contribuição para todas as senhoras que têm a seu cargo a alimentação das famílias.

Francisco Gavicho de Laçerda publicou agora «Os cafres, seus usos e costumes», lançado no mercado pela Livraria Rodrigues. O autor é já conhecido como sendo uma autoridade em assuntos coloniais, aos quais muito se tem dedicado, quer sob o ponto de vista etno-gráfico, como económico, e até propriamente literário, coligindo lendas e costumes indígenas. «Os cafres», que o autor dedica ao conselheiro João de Azevedo Coutinho, divide-se nos capítulos seguintes: etnografia, etnogenia e psicologia dos cafres; do nascimento ao casamento, culturas e indústrias, palhotas e povoações; usos e costumes, cerimónias fúnebres, fastos épicos e figuras de antanho. Como se vê por este simples enumerado, o interesse desta obra transcende o de uma mera descrição da paisagem africana, geográfica ou humana. Para os estudiosos, e até para simples curiosos, este volume é de uma verdadeira e profunda utilidade. A edição vem enriquecida de muitas gravuras que acompanham o texto, completando-o.

oposição discreta a esses homens do passado, que fizeram mau uso do dinheiro e que para o outro mundo não o levarão consigo». Isto diz o autor e cremos que nestas expressivas palavras cabe tudo quanto de nota crítica pudesse dizer-se.

Com a anotação de que a seguir nos dará o autor mais livros — «A vida é maior que o Mundo» (1.^o romance do ciclo «Camionagens») e «Expedicionários», em preparação dentre outros — recebemos o volume de contos «Greis», assinado por Manuel Ferreira. Nos oito trabalhos que o autor apresenta há um vincado subjectivismo, nem sempre susceptível de interessar o grande público; e a forma é ainda hesitante, embora haja perfidos e imagens reveladoras de uma sensibilidade apurada. Ficamos esperando as novas produções de Manuel Ferreira.

«O Mestre das Cozinheiras» é um grosso volume de mais de 300 páginas, assinado por Maria Saavedra e lançado pelas Edições Universo. Dividido em quatro partes distintas — cozinha portuguesa, cozinha estrangeira, «hours-d'uvres» e, ainda, um capítulo sobre composição de ementas — este volume parece-nos gracioso como gula das donas de casa, a quem está incumbida a tarefa de alimentar



dQUI há tempos, publicámos, em forma de entrevista, uma pequena informação que nos chegava por intermédio do conhecido editor, sr. António Maria Ferreira: o sr. coronel Ferreira Lima elucidara-o de que faltava um verso na «Morte de D. João», de Guerra Junqueiro — verso que estivera em poder do conselheiro Vilhena e que lhe fora transmitido. Sem mais reflexões, o sr. António Maria Ferreira, no melhor espírito e com a maior boa-fé, acreditara cegamente na informação e introduzira o verso na 12.^a edição. Isto fora em 1935 — talvez sete anos depois da morte do conselheiro Júlio de Vilhena. Entretanto, preparava-se agora a 13.^a edição. O coronel Ferreira Lima fala acidentalmente no verso que faltava à filha do poeta, a sr.^a D. Maria Isabel Guerra Junqueiro Mesquita de Carvalho que, alarmada, procura explicações junto do editor, O sr. António Maria Ferreira informa-a dos factos, apresenta a 13.^a edição já prestes a ser posta à venda. E a sr.^a D. Maria Isabel Mesquita de Carvalho, que tem pela memória e obra de seu pai um zeloso cuidado e uma justa admiração, apresenta os seus escrúpulos e dúvidas:

— Será, de facto, esse verso escrito por meu pai?

— Erá preciso verificar. Investigar, procurar até ao último recurso, apresentar, enfim, a prova de que o verso fora escrito por meu pai. E só em caso dessa prova eu poderia autorizar a sua inclusão na 13.^a edição ou qualquer outra...

— Quem assim nos fala é a sr.^a D. Maria Isabel Mesquita de Carvalho, que acrescenta:

— Foi eu e só eu, então, quem se meteu à tarefa dessas investigações, durante meses de penosa ansiedade. Procurei todas as edições, desde a primeira à oitava, revistas por meu pai que, ao contrário, talvez, de muitos outros autores, era excessivamente meticoloso na revisão. Todas elas, porém, acusavam a mesma falta: o verso que o coronel Ferreira Lima apresentava não aparecia em nenhuma das edições acompanhadas por meu pai.

— Mas o verso falta...

— Falta. Mas nada nos autoriza a dizer que o poeta não deu pela sua falta, e que preferiu que o poema ficasse tal qual o escreveu inicialmente...

— E entre os papéis do conselheiro Júlio de Vilhena... Se ele tinha, como se disse, uma colecção junqueirana...

A sr.^a D. Maria Isabel Mesquita de Carvalho vai buscar a correspondência trocada com o filho do conselheiro, sr. João de Vilhena.

— Em 24 de Fevereiro último escrevi-lhe, precisamente, para perguntar se não haveria, de facto, nos papéis deixados por seu pai, alguns elementos elucidativos. Podia transcrever essa carta na íntegra, mas basta que assinale a sua existência e, ainda, alguns trechos da carta do sr. João de Vilhena. Ora oiça: «Nem nos meus papéis nem nos de meus irmãos há qualquer escrito que diga respeito ao tal verso...». «Quanto à colecção junqueirana que meu pai possuía, é uma fantasia...» «porque não existe nem existiu colecção junqueirana na biblioteca de meu pai...». O sr. João de Vilhena refere que, nos 47 anos que viveu ao lado de seu pai, nunca o ouviu dizer: «hoje estive com o Junqueiro e ele disse-me». De resto, reforça: «E se o sr. Guerra Junqueiro tivesse dado a meu pai um papel, por mais pequeno que fosse, com a indi-



PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

DAMAS

(Secção portuguesa)

1.º «MATCH» INTERNACIONAL DE JOGO DE «DAMAS» (Portugueses contra espanhóis)

Por notícias remetidas das Canárias, sabemos que os «damistas» espanhóis já responderam às jogadas dos portugueses. Só Agustín Silva não o fez por motivo de ter que ser substituído por outro «damista». É quasi certa a oferta de mais uma taça de prata pelo almirante da Base Naval de Las Palmas.

NOTICIÁRIO

Em Pernes e em Rebordões (Santo Tirso), estão a disputar-se os respectivos Campeonatos Regionais de Jogo de «Damas», e a seu respeito daremos em breve algumas informações. — Num dos próximos meses deve aparecer uma Revista de Jogo de «Damas», que será dirigida por um autêntico mestre da modalidade.

JOGO N.º 13

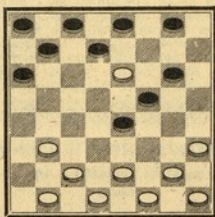
Jogo disputado no Campeonato de «Damas» do Retiro dos Pacatos, do

jornal «Os Sports», entre Luis Gaspar, da Chamusca, e Francisco A. Henriques, de Almeirim.

Abertura: 4-5

(Gaspar)	Lances	(Henriques)	Pretas
11-14	1.º	22-18	
14-19	2.º	23-24	
10-19	3.º	18-14	
12-15	4.º	21-18	
8-12	5.º	25-21	
19-22	6.º	26-19	
15-22	7.º	

Nesta posição forma-se o seguinte diagrama:



.....	7.º	14-11
6-15	8.º	18-14
22-26	9.º	29-22
5-10	10.º	14-5
1-10	11.º	28-23
7-11	12.º	23-19
10-13	13.º	27-23
2-5	14.º	21-18
13-17	15.º	30-26
5-10	16.º	23-20
12-16	17.º	19-12
16-23	18.º	31-28

O jogo prosseguiu até ao 27.º lance, mas nesta altura as pretas deixam o empate à vista.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14

3-7	9-13	4-7	16-20
12-3	17-10	3-19	23-16
14-30	30-8	ganham.	
32-23	P.		

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 15

12-16	6-10	25-29	16-12
23-1	1-19	19-8	8-15
29-8	ganham.		
P.			

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16

25-18	8-15	15-31 (D)
13-12	22-13	24-15
31-24-29-22	ganham.	
P.		

XADREZ

1.º «MATCH» PORTUGAL-ESPANHA

Partida jogada entre Arturito Pomar (espanhol) e João M. Ribeiro (português), no Casino Estoril, em 10 de Março de 1945:

Pomar	Ribeiro
d2—d4	1 Cg8—f6
c2—c4	2 e7—e6
Cb1—c3	3 Bf8—b4
Bc1—d2	4 d7—d5
e2—e3	5 o—o
Cg1—f3	6 Cb8—d7
Bf1—d3	7 a7—a6
Dd1—b3	8 c7—c5
C4×d5	9 c5×d4
Cf3×d4	10 Cd7—c5
Db3—c2	11 e6×d5
o—o	12 Cc5×d3
Dc2×d3	13 Bb4—d6
Cd4—f5	14 Bd6—e5
Cf5—g3	15 Bc8—d7
Tf1—e1	16 Bd7—c6
Ta1—d1	17 Cf6—g4
h2—h3	18 Be5×g3
f2×g3	19 Cg4—f6
Cc3—e2	20 Bc6—b5
Dd3—f5	21 Bb5×e2
Te1×e2	22 Dd8—c7
Bd2—c3	23 Cf6—e4
Bc3—e5	24 Dc7—c4
Df5—g4	25 f7—f6
b2—b3	26 Dc4—c6



palavras CRUZADAS

PROBLEMA N.º 13 (Concurso)

Por Fúlpes Alistão Reis Tetas Montz Côte Real

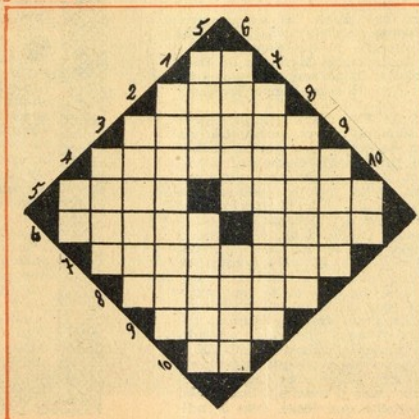
(Angola)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Prefixo designativo de oposição. 2 — Pão de milho. 3 — Advertência. 4 — Segara erva com a gadanha (prov.). 5 — Endurecimento da pele por compressão ou fricção continuada; concluo. 6 — Espaços; estimas. 7 — Abalares com estrondo. 8 — Brinquedos. 9 — Constelação austral (plur.). 10 — Artigo.
VERTICAIS: 1 — Fábrica de botões. 2 — Mala pequena. 3 — Semblante. 4 — Aquil. 5 — Guarnice; ecoara. 6 — Espécie de boné chato, sem costura, nem pala; camareiras. 7 — Comateras. 8 — Fios de latão. 9 — Margens. 10 — Artigo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 (Concurso)

HORIZONTAIS: 1 — Ra. 2 — Lira. 3 — Mamara. 4 — Cá-mara; cá. 5 — Rir; oral; ará. 6 — Ate; lapa; mil. 7 — Aã; aramada. 8 — Raspara. 9 — Loira. 10 — Loa.
VERTICAIS: 1 — La; mola; al. 2 — Marear. 3 — Cita. 4 — Ra. 11 — Rim; arar; Sol. 12 — Ara; rapa; pio. 13 — Ar; alam; ara. 14 — Acamara. 15 — Árida. 16 — Ala.



Be5—b2	27	h7—h5
Dg4—g6	28	Dg4—d8
Td1—c1	29	Dc6—d6
g3—g4	30	h5—h4
Bb2—a3	31	Dd6—g3
Ba3×f8	32	Td8×f8
Dg6—f5	33	Ce4—g5
Rg1—h1	34	Cg5—e4
Bf5×d5+	35	Rg8—h8
Dd5×e4	36	Abandonam

NOTA — Esta partida foi-nos gentilmente cedida pelo ex-campeão de Portugal de xadrez e treinador da equipa nacional, sr. dr. Mário Pereira Machado.

SOLUÇÃO DO ESTUDO N.º 17

1. Te8+, Rd7; 2. Ta8, Bd6; se 2. Be7; 3. Ce4, Bb5; 4. Th8, C—; 5. T+h5, etc., ou 2... Bc1; 3. Ce4, C—; 4. Rd5; 5. Rd5, C—; 4. Ta7+, Bc7; 5. Ce6 e ganha.

SOLUÇÃO DO ESTUDO N.º 18

1. Tf6+, (se 1... Rg2; 2. Tg6+; 1... Re2; 2. Te6+, Rd2; Te1, R×e1; 4. Cb4, al=D; 5. Cc2+ seguido de C×al.

CHARADAS

EPENTÉTICAS

1) Um chefe *inexperiente* é prejudicial à sociedade. 2—3

Pôrto *Tripeiro*

2) O *macaco* não é um animal recente. 2—3

Pôrto *Tripeiro*

SINOPONDA

3) Amigo, é preciso *poupar* para não *faltar*. 3—2

Visau *Dr. de Cabresto*

RESPOSTA QUEM SOUBER

(29/3/945)

Soluções

1) Rosa-Mosa. 2) Roma-Aroma. 3) Lfma-Imã.

PROVERBIOS A ADIVINHAR

(29/3/945)

Soluções

1) O cão ladra e a caravana passa. 2) Cão que ladra não morde. 3) Quem porfia mata caga.

MEDICINAL
PASTA / COUTO
TRATA
gengivas descarnadas
ou sangrentas
EVITA
estomatites mercuriais
ou birmuticas
MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Medicinal pequena — tubo 10\$50
Medicinal grande — tubo 16\$800
Vulgar pequena — tubo 4\$800
Vulgar grande — tubo 7\$800



SE USA GÁS POBRE, ATENÇÃO!

O gás de gasogénio contém bastantes impurezas de carácter abrasivo que ocasionam desgaste nos cilindros.

Por consequência, a lubrificação racional do carro de V. Ex.^a impõe as seguintes medidas:

1.º – Renovar mais frequentemente o óleo do que quando funciona a gasolina.

2.º – Limpar, ameadadas vezes os elementos dos filtros de óleo e mesmo substituí-los.

3.º – Seguir as recomendações da Tabela Mobiloil referentes ao funcionamento a gasolina, no que respeita às graduações do óleo a empregar.

2016



Mobiloil

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

Humorismo



— Meu amor! Diz-me se gostas do meu chapéu novo...



— O oxigénio é indispensável à vida. Foi descoberto em 1773.
— E como se vivia antes?



— Vês esta pobre árvore? Há um ano, entornei aqui uma garrafa de «whisky»...



PRIMAVERA ELA — Então, queridinho, não sejas tão impetuoso, pode passar gente...



Partidas da Primavera...

UMA DE VOLTAIRE

CERTO indivíduo foi cortêsmente recebido por Voltaire no castelo de Ferney. Agradado do acolhimento, arriscou no dia seguinte, com o maior decore, que pensava descansar seis semanas num lugar onde se sentisse bem.

Voltaire respondeu-lhe prontamente:

— Você não quer parecer-se com D. Quixote: éle tomava as estalagens por castelos, o meu amigo toma os castelos por estalagens...

FEMERIDADE...

DURANTE um serviço religioso, uma senhora que assistia das galerias, estava tão interessada na

cerimónia que se debruçou demasiadamente — e caíra se a orla da sala se não tivesse prendido no lustre, de modo que ficou suspensa no ar. O ministro do culto disse imediatamente, em vista da posição da dama:

— Todos os que a olharem serão tocados de cegueira!

Mas um indivíduo, cuja curiosidade era muito forte, voltou-se ligeiramente, segredando para o vizinho:

— Apesar de tudo, sempre arrisco um olho...

ESPIRITO MACABRO

O grande poeta Baudelaire usava muitas vezes da alegria para desagradar e do orgulho para parecer odio-

so. Os seus amigos contaram deie muitos ditos de autêntico mau gosto. Por exemplo:

— Você já comeu miolos de criança? — perguntou um dia a um metucioso funcionário, que ficou aterrado, enquanto, imperturbável, o poeta concluía: — Aconselho-o a que prove; parecem-se com miolos de carneiro, mas o paladar é muito mais delicado...

Outra vez, na sala de um restaurante repleto de clientela provinciana, começou dizendo em voz alta para os amigos que o rodeavam:

— Depois de eu ter assassinado o meu pobre pai...

Imagine-se o espanto!